A PERCEPÇÃO DO BEM-ESTAR E OS IMPACTOS DA COVID-19 NO RENDIMENTO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

Thayanne **Branches-Pereira**

João Carlos **Alchieri**

Ano 2022

A PERCEPÇÃO DO BEM-ESTAR E OS IMPACTOS DA COVID-19 NO RENDIMENTO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

Thayanne **Branches-Pereira**

João Carlos **Alchieri**

Ano 2022

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

A percepção do bem-estar e os impactos da Covid-19 no rendimento universitário no Brasil

Diagramação:	Natália Sandrini de Azevedo
Correção:	Yaiddy Paola Martinez
Indexação:	Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão:	Os autores
Autores:	Thayanne Branches-Pereira João Carlos Alchieri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B816 Branches-Pereira, Thayanne
A percepção do bem-estar e os impactos da Covid-19 no rendimento universitário no Brasil / Thayanne Branches-Pereira, João Carlos Alchieri. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0518-4
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.184221609

1. Pandemia - COVID-19. 2. Ensino superior. I. Branches-Pereira, Thayanne. II. Alchieri, João Carlos. III. Título.

CDD 614.5

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado de alguns dados da pesquisa da minha Tese de Doutorado em Psicologia. Horas, dias, meses e anos de estudo, dedicação, trabalho, dificuldades, bem como, de muito apoio e gratidão por cada pessoa que me ajudou de algum modo nesta trajetória. Assim, deixo registrado os meus agradecimentos, primeiramente, a Deus, que está presente em todos os segundos na proteção da minha espiritualidade.

Também agradeço aos meus pais, Sebastião Pereira e Anne Êgle, que são os meus principais suportes de vida. Aos meus familiares, que com todo carinho, amor e paciência sempre estiveram ao meu lado, me apoiando em meu percurso acadêmico, assim como agradeço toda torcida e as energias positivas que meus amigos proporcionaram, me apoiando e remetendo segurança nessa jornada.

Denoto um agradecimento especial aos meus mestres, os quais compartilharam comigo seus melhores ensinamentos, em especial a minha Profª Vera Lúcia Branco. Considero-me abençoada, pois em cada fase acadêmica e profissional, tive os melhores parceiros e referenciais profissionais e pessoais.

Por fim, mas de forma alguma menos importante escreve meu forte agradecimento ao meu orientador, Dr. João Carlos Alchieri, que teve sempre grande disponibilidade, atenção e paciência, desde que recebeu o convite para orientar minha pesquisa esteve presente em todos os momentos da produção.

Ademais, estendo meus agradecimentos, com profunda gratidão e reconhecimento, a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram de alguma forma com o desenvolvimento desta pesquisa, para conclusão de meu doutorado em Psicologia, que resultou em várias produções, dentre elas, este livro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O início da vida acadêmica no Ensino Superior implica, para a maioria dos jovens estudantes, grandes transformações e adaptações a novos papéis na sociedade, responsabilidades e rotinas. Como qualquer período de transição de vida, essa também trata de uma fase que requer a tomada de novas atitudes e comportamentos, não só ao que diz respeito às competências de estudo, mas também à organização e autonomia do próprio indivíduo, como inerentes a vida adulta.

No ambiente acadêmico, diversos fatores influenciam a condição da experiência universitária. A adaptação ao novo meio, o empenho de tempo necessário para o desenvolvimento das atividades curriculares, a quantidade de informações trabalhadas em sala de aula, a possível falta de suporte familiar, ou pelo menos a sua fragilização, com a mudança de cidade, situação econômica, construção de novos laços de amizade, alteração de rotina, dentre outros, assim como o estresse da vida, são fatores que podem pressionar para possibilitar a manifestação de sofrimento psíquico de inúmeros em acadêmico nas universidades brasileiras.

Nesse contexto, o ingresso na universidade trata de um evento marcado por inúmeras expectativas, as quais emergem em razão dessas possíveis alterações atingindo diretamente a saúde física e psíquica do estudante. Assim, é possível questionar: quais as possíveis dificuldades que podem gerar sofrimento psíquico no percurso universitário gerado pela Pandemia do Covid-19? Da mesma forma, surge a pergunta sobre quais as situações presentes no meio acadêmico que geram satisfação e bem-estar?

À finalidade da investigação que originou este livro, perpassa pela busca da compreensão sobre a autopercepção de insucesso, fracasso acadêmico, ausência de realização, satisfação, felicidade e bem-estar, ao qual foi uma forma de visualizar no instrumento aplicado, os processos que influenciam a condição psíquica do universitário. Nesse sentido, é importante destacar que a preocupação com esses fatores psicológicos descritos se relacionou ao contexto social oriundo do período pandêmico estabelecido com a disseminação do COVID-19, que acentuou a preocupação com o bem-estar dos universitários, os impactos na satisfação e rendimento dos estudos.

A pandemia de Covid-19 promoveu drásticas transformações no cotidiano ao impor a necessidade de adaptações às relações que ocorrem na sociedade, o que incluiu o ambiente escolar, tangentes a preocupações com a salvaguarda individual e familiar, o que foi expresso no isolamento social devido ao medo de contaminação, que desencadeou a suspensão de atividades acadêmicas presenciais e a adoção de novas metodologias de ensino. Esses fatores somaram-se a expressão toda carga afetiva e emocional já presentes no percurso acadêmico e, culminaram na forma de lidar com mudanças no

acesso ao ensino, algo que aconteceu rápido e exigiu uma acelerada adaptação.

Com isso, é necessário discutir se muitas manifestações de transtornos mentais podem ter sidos deflagradas e/ou desencadeadas no período discutido, dada a iminente instabilidade sanitária. Logo, é preciso averiguar a saúde mental de acadêmicos, com o enfoque de vários estudos, pois ainda existe incerteza sobre as sequelas da pandemia na continuidade dos processos de ensino e aprendizado e na manutenção das medidas que foram adotadas durante os tempos de crise pandêmica.

Com base nesse contexto, a percepção do bem-estar acadêmico e as implicações das respectivas mudanças no contexto social e universitário, para o estudo realizado e descrito neste trabalho, está fundamentada na Psicologia Positiva. Tal abordagem teórica se desenvolveu principalmente na última década, sendo que, se processou em virtude da necessidade e interesse do debruçar sobre as e potencialidades humanas.

Dentre os diversos conceitos estudados pela Psicologia Positiva, na pesquisa realizada elegeu-se o conceito operacional de bem-estar subjetivo, para embasar teoricamente a construção da apreciação de bem-estar acadêmico, que foi estudado e desenvolvido na tese de doutorado da autora. O bem-estar subjetivo (BES) busca compreender a avaliação que as pessoas fazem de suas vidas e se consolidou com o crescente reconhecimento da importância da subjetividade na ponderação do que faz da vida algo bom e estimável.

Os indicadores de BES são referências à satisfação pessoal com a vida, o que adentra ao campo das emoções positivas e negativas subjetivas. As emoções referem à avaliação do BES por critérios afetivos e são relativamente menos estáveis do que a satisfação. Assim, a dimensão satisfação com a vida é um julgamento cognitivo de algum domínio específico na vida do indivíduo, ou seja, uma avaliação sobre a vida de acordo com um critério próprio.

Além da promoção do bem-estar e da qualidade de vida que a sociedade contemporânea busca, e dos impactos que a pandemia evidenciou nesse processo, que implica na readaptação da sociedade a novas formas de interação entre os indivíduos e acesso a serviços, agrega-se o crescimento e a importância da tecnologia em tal modelo de vida. Como exemplo é possível apontar o uso de inovações de *softwares* e *hardwares*, usados para facilitar a comunicação e o consumo de bens e serviços, principalmente neste período da Pandemia. Há a conexão remota pela internet, que se popularizou no mercado a partir dos anos 2000 e que pode ser definida como a tecnologia que permite comunicação e acesso a informações de forma rápida, usável a em qualquer lugar e momento, a partir de computadores e dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*. As tecnologias móveis

podem ser utilizadas em muitas vertentes na área da saúde, como no apoio ao diagnóstico realizado por médico e enfermeiros, no levantamento e busca de dados à tomada de decisão e no desenvolvimento de prontuários eletrônicos. Além de proporcionarem o foco no apoio remoto ao paciente, com a emissão de lembretes de consultas/retornos via *Short Message Service* (SMS), realização de monitoramento a distância, e outras possibilidades.

Nesse período pandêmico, o uso das tecnologias foi um recurso precioso, pois foi extremamente utilizado para manter as atividades acadêmicas nas instituições de ensino, viabilizando o modelo de ensino-aprendizagem *online*. À pesquisa, a construção e validação do instrumento apresentados neste livro, ocorreram por meio de um aplicativo *web*, para que fosse facilitada a participação do público-alvo, principalmente para abranger amostras significativas em todas as macrorregiões censitárias do país – Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.

A pesquisa realizada contou com a seguinte questão norteadora: quais as características do bem-estar acadêmico vivenciadas pelos estudantes no período da universidade no supracitado recorte temporal? Teve como objetivo geral construir evidências de validade de um instrumento aplicável via *web*, como tecnologia para a avaliação do construto de bem-estar acadêmico para estudantes universitários. Para objetivos específicos: (*i*) contextualizar o bem-estar subjetivo, segundo revisão da literatura baseada na Psicologia Positiva, (*ii*) investigar definições e aportes teóricos para embasamento do termo operacional “bem-estar acadêmico”, (*iii*) mapear a percepção dos universitários sobre o impacto da pandemia no rendimento de sua formação acadêmica, (*iv*) construir um instrumento aplicável via *web*, para avaliar características do bem-estar acadêmico de estudantes universitários, (*v*) validar tal instrumento como tecnologia para avaliação do construto de bem-estar acadêmico para universitários e (*vi*) identificar e caracterizar possíveis alterações na autopercepção de acadêmicos quanto a ao bem-estar acadêmico frente aos impactos da pandemia SARS COVID 19.

CONTEXTO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

O Censo da Educação Superior de 2015, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação, traçou o perfil dos estudantes na graduação. Ao considerar as taxas de permanência, conclusão e desistência dos estudantes, os resultados evidenciaram um acréscimo desordenado na taxa de desistência dos ingressos, entre 2010 e 2014. Em 2010 11,4% dos alunos abandonaram seus cursos, já em 2014, esse número chegou a 49% (Brasil, 2016). É importante apontar que os dados supracitados são de 2015, devido aos de 2022, até o presente momento não estarem publicados.

Em relação aos dados referentes a evasão no nível superior, um possível desencadeador pode estar ser o fato de que o Brasil tem apenas 8% dos alunos do ensino médio são submetidos a programas vocacionais de avaliação de carreira, pois a falta de orientação quanto a eleição da profissão pode atuar contribuir para que haja desistência significativa dos jovens que ingressam na vida acadêmica. De acordo com o Censo supracitado, 8.033.574 alunos estavam matriculados no ensino superior, em 2015. O número supera a estatística de 2014, em 2,5%, quando havia 7.839.765 matriculados. São ofertados, 33 mil cursos de graduação em 2.364 instituições de ensino superior (Brasil, 2016).

O Mapa do Ensino Superior, o qual as informações colaboram com a visão de panorama completo do quadro do ensino superior no país, mapeando-o está em sua 11ª edição, também utiliza como referência os dados do Censo da Educação Superior disponibilizados pelo INEP, mas tendo como base o período mais recente disponível, 2019, portanto antes do início da pandemia da Covid-19, que mudou o ambiente da educação mundial. (SEMESP, 2021). Na Figura 1 estão apresentados alguns dados sobre evasão no ensino superior, no mapa realizado pelo Instituto SEMESP, com um parâmetro dos últimos anos, a partir de um comparativo do ensino presencial e educação a distância (EAD). A taxa de abandono do nível superior está calculada para os 20 cursos com maior número de alunos em 2019, nas instituições privadas de ensino superior no Brasil.

Cabe apontar que o Brasil é um país continental e repleto de diferenças, sendo composto por cinco macrorregiões censitárias e 27 Unidades Federativas. Com um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente 7,4 trilhões e uma população estimada em 212 milhões de habitantes (dados do IBGE para 2020), o território brasileiro possuía em 2019 a 84ª posição no *ranking* mundial em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com pontuação de 0,765, um reflexo dos contrastes econômicos e sociais de nossa realidade, com concentração de matrículas nos estados mais desenvolvidos, como por exemplo, São Paulo e Minas Gerais (SEMESP, 2021).
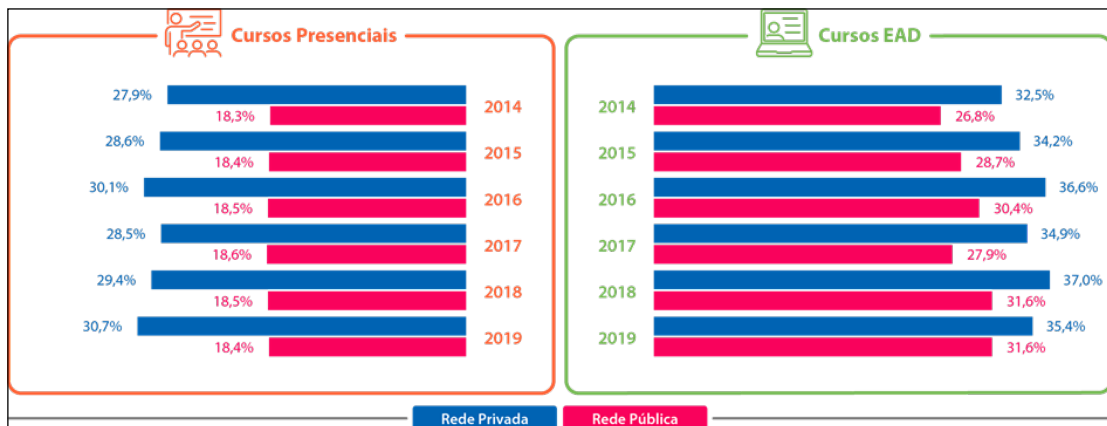
Figura 1: Taxa de Evasão no Brasil, segundo o Mapa do Ensino Superior (dados de 2019)

Fonte: SEMESP (2021).

Em relação ao ensino superior nacional, trata da concentração de matrículas na rede privada, sendo 75,8% de matriculados em instituições particulares de ensino superior e em relação às modalidades presencial e EAD. Assim, apesar da queda da primeira e o crescimento da segunda ao longo dos últimos anos, 71,5% dos alunos matriculados estava nos cursos presenciais, conforme apresentado na Figura 3 (SEMESP, 2021). Evidencia-se, na Figura 2, referente ao ingresso nas Instituições de Ensino Superior.
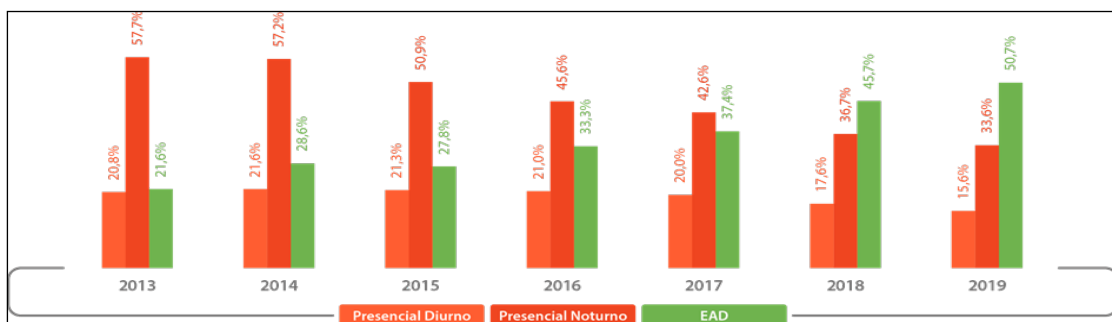
Figura 2: Taxa de Ingresso dos Universitários, segundo o Mapa do Ensino Superior (dados de 2019)

Fonte: SEMESP (2021).

O Censo da Educação Superior de 2015 destaca ainda em seus dados que das 6,1 milhões de novas vagas em instituições públicas e privadas de ensino superior, somente 42,1% eram preenchidas e apenas 13,5% das vagas remanescentes foram ocupadas (Brasil, 2016).

O levantamento a respeito da evasão acadêmica foi realizado em 2018, denominado V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE), vinculado à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Outras edições da pesquisa foram publicadas em 1997, 2004, 2011 e 2016, sendo a última e mais recente, realizada com estudantes de 65 instituições federais de ensino (63 universidades e dois centros de educação tecnológica) no período de fevereiro a junho de 2018. A coleta dos dados feita via internet, com validação de 424.128 questionários, o que representa 35,34% dos estudantes matriculados nos cursos de graduação das instituições analisadas (ANDIFES, 2019).

Na última edição, a pesquisa aponta que o percentual de cotistas saiu de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018, no conjunto de estudantes inseridos na faixa de renda mensal familiar *per capita* de até um e meio salários-mínimos. Num comparativo entre esses dados e outros anteriores, há a evidência de que em 1996, quando foi realizada a primeira edição da pesquisa, essa população compunha 44,3% do corpo discente, número relativamente próximo aos dos percentuais encontrados nos demais levantamentos realizados em 2003 e 2010. Porém, a partir de 2014 ocorreu um avanço e os estudantes nessa faixa de renda passaram a ser 66,2% do total de indivíduos da graduação, chegando a 70,2% em 2018 (ANDIFES, 2018).

As mulheres são maioria na rede de ensino analisada e representam 54,6% das matrículas, a idade média do estudante universitário é de 24,4 anos e 51,2% desses são negros ou pardos. Quase dois terços dos universitários (64,7%) cursaram o ensino médio em escolas públicas e no aspecto econômico, outro indicativo de inclusão nesses dados, mais de 70% dos universitários brasileiros têm renda *per capita* de até 1,5 salários-mínimos (ANDIFES, 2019). Torna-se relevante a apresentação dos dados no Brasil, uma vez que na construção do instrumento sobre o bem-estar acadêmico, dentro dos itens coletados, essas informações figuram como um ícone importante, pois agregam dados referentes a sexo, idade, curso, instituição privada ou federal e dados socioeconômicos de modo geral.

À busca da literatura científica sobre os impactos da COVID-19 na saúde mental dos universitários brasileiros, foi empreendida uma coleta de dados narrativa, com emprego dos descritores “saúde mental’ and ‘universitários “e “censo universitário”, no período dos últimos 10 anos, nas bases de dados nacionais, em específico os sites indexadores Scielo e Google Acadêmico. Dessa forma, foram evidenciados trabalhos dentro dessa temática, sendo selecionadas as obras que estavam dentro do parâmetro do objetivo do estudo, o de mapear o perfil dos universitários e as implicações da pandemia do COVID-19 no rendimento e satisfação do universitário.

Na contemporaneidade, a universidade é um lugar de fundamental importância para o processo de vida, uma vez que possibilita a apreensão e extensão de habilidades e competências pessoais e profissionais, assim como uma melhora no funcionamento cognitivo do corpo estudantil. As instituições de ensino superior figuram como um espaço gerador de impactos positivos para os indivíduos que ingressam nesse meio, assim como para toda a sociedade, por proporcionar um ambiente rico no debate e troca de ideias e geração de conhecimentos (Ariño & Bardagi, 2018).

Os citados autores trazem considerações de que algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas com vista a investigar possíveis relações entre os fatores acadêmicos e de carreira com a saúde dos estudantes. Alguns de seus resultados indicam que esses fatores se constituem como possíveis estressores e/ou agentes causadores de risco para a saúde mental dos universitários. Por exemplo, questões como o curso e a área de conhecimento no qual o aluno está inserido, são recorrentemente apontados pela literatura como significativos, sendo que, alunos da área da saúde são os que mais apresentam prevalência de adoecimento mental e transtornos psiquiátricos, bem como o período do curso no qual o aluno se encontra.

Tal fato também foi evidenciado nos dados do Censo do Ministério da Educação (Brasil, 2016), apresentados anteriormente, em relação a insatisfação do aluno com o curso que escolhido, pela não identificação com o mesmo. Nesse fator, sobre tempo do curso, Silva e Costa (2012) discutem que quanto ao período do curso, não há um consenso quanto aos resultados, sendo que algumas pesquisas mostram que os estudantes em períodos iniciais são os que evadem com maior frequência.

Desde a última metade do século XX, uma maior atenção tem sido dada à saúde geral e ao bem-estar. O próprio conceito preconizado pela Organização Mundial de Saúde (2020) como contempla saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afeções e enfermidades. Pode-se verificar em diferentes contextos da vida do indivíduo a preocupação com a qualidade de vida, demonstrada na execução de ações que buscam por uma alimentação saudável e equilibrada, por atividade física, dedicando horários ao lazer e à família, a outras ações que deem sentido e significado à vida (Magno, et al. 2020).

A acelerada e global disseminação do novo tipo de Síndrome Respiratória Aguda – Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) – levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a declarar situação de pandemia em 11 de março de 2020, bem como a incentivar os países a adotarem diversas medidas para conter a propagação do vírus na população, sendo que, entre elas, o isolamento social (WHO, 2020). Dada a forma como a pandemia impactou a vida de toda a população mundial no início dos anos 2020, hoje é inevitável abordar ou ao

menos mencioná-la em pesquisas, principalmente em virtude dos fortes impactos sociais, econômicos e políticos.

Para autores como Sobral & Lima (2018) resgatam o contexto histórico, da pandemia de gripe de 1918-1919, conhecida em Portugal por “Pneumônica”. A doença demonstrou ser uma das mais mortíferas pestes a assolar o mundo, tendo afetado uma em cada três pessoas, em nível mundial, o que corresponde a cerca de 500 milhões de pessoas. Se em 1918-1919 a prioridade não assentava em conhecer os efeitos psicológicos da pandemia, em 2020, além de todos os esforços da comunidade científica para chegar à etiologia e ao tratamento da COVID-19, as respostas à questão sobre “como a pandemia impacta psicologicamente os indivíduos” têm sido diversas e envolvido uma grande força tarefa, com muitas áreas do conhecimento, pois é preciso tal empenho para atuar na minimização dos impactos.

Segundo Relatório do Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF, 2021), divulgado em outubro do ano citado, um em cada sete jovens entre 10-19 anos no mundo sofre de um distúrbio mental diagnosticado, como ansiedade, depressão e problemas comportamentais. Ademais, muitas crianças e jovens já sofriam de alguma manifestação de estresse antes da pandemia e todas as implicações do período pandêmico apenas acentuaram as consequências da saúde mental na vida futura dos mesmos. Apesar da maioria desse grupo etário não compreender diretamente o público universitário, a informação é relevante, pois discute a situação psicológica de uma população que será acadêmica no futuro.

Estudos que tenham avaliado esses fenômenos – saúde mental, uso de internet e estratégias de enfrentamento – e suas possíveis associações, ainda são escassos no contexto brasileiro. Logo, os estudar, tendo como enfoque os estudantes universitários, é fundamental, pois há necessidade de desenvolvimento de ações promocionais preventivas e assistenciais em saúde mental, visando ao incremento coletivo do processo de enfrentamento das atuais adversidades da sociedade da contemporaneidade (Mota et al., 2021).

Anteriormente ao período pandêmico, já haviam sido evidenciadas outras demandas de preocupação com o público do ensino superior. Tais questões acadêmicas são aspectos característicos da vida universitária, dentre as quais é possível citar o excesso de carga horária de estudo, o nível de exigências em relação ao processo de formação acadêmica, a adaptação a um novo contexto, novas rotinas de sono, novas demandas de organização de tempo e estratégias de estudo etc. Esses aspectos podem se constituir como agentes estressores, pois pressionam estudante quanto a um repertório comportamental que exija organizar-se e conseguir enfrentar novas exigências (Ariño & Bardagi, 2018).

Além da própria competência individual para lidar com todas as demandas acadêmicas, estudos mostram que as crenças dos estudantes sobre a sua própria capacidade (autoeficácia) pode causar influência, em algum grau, sobre os impactos gerados à saúde mental. Baixos níveis de autoeficácia se relacionam às dificuldades pessoais, como emoções negativas: instabilidade emocional, angústia e tristeza do universitário (Valdebenito, 2017). O sofrimento psíquico entre estudantes pode estar associado à percepção negativa do ambiente acadêmico e à queda na qualidade de vida (Feodrippe et al., 2013).

No período pandêmico há um aumento da busca por estudos que englobem as implicações do distinto período para a sociedade, as quais podem ter sido ainda mais intensas para parcelas populacionais que já apresentavam vulnerabilidades em saúde mental. Deslandes e Coutinho (2020) informam que tendo em vista que esta é a primeira pandemia que se vive no "tempo *online*", outro aspecto a se considerar se refere às implicações do isolamento social devido à COVID-19 para o uso intensivo da internet.

Os efeitos psicopatológicos associados à quarentena e ao isolamento social são agravados quando a pessoa já possuía alguma manifestação antecedente de sofrimento prévio, em específico, a ansiedade, o que pode aumentar a incidência de estresse pós-traumático. Esses efeitos foram identificados tanto em anteriores experiências de isolamento, quanto no atual ambiente de pandemia. Além disso, também podem ocorrer manifestações psicopatológicas em pessoas previamente tidas como sadias, por estarem relacionadas aos seguintes aspectos: duração do período de isolamento social, medo de infecção, frustração e tédio, suprimentos inadequados, informações inadequadas, situação financeira/econômica e estigma sobre a situação vivenciada (Brooks et al., 2020).

Rodrigues et al. (2020) em um estudo de revisão de literatura realizada em sites indexadores, recuperaram 31 artigos, os quais foram submetidos à análise. Os resultados evidenciaram que os estudos experimentais sobre a educação superior podem ser úteis para a disseminação de conhecimentos sobre o tema e que são passiveis de replicação. Os dados são referentes à saúde mental dos estudantes universitários e abordam aspectos sobre a presença de transtornos psiquiátricos relacionados à temática, como depressão, ansiedade e estresse pós-traumático, levantados a partir de testes de triagem diagnóstica, nas variações presencial e *online*.

Embora à sociabilidade digital, na prática, esteja em evolução, a partir das medidas de isolamento social, assumiram uma função considerada importante para amenizar a falta da sociabilidade presencial, contudo, o uso excessivo da internet, somado a um potencial ansiogênico, com a reprodução de um medo, e associados a exposição maciça e ao aumento da circulação e da interação nos ambientes digitais podem gerar adoecimento

(Deslandes & Coutinho, 2020). Maia e Dias (2020), em corroboração ao discutido, apontam que a pandemia e a alteração de comportamentos geraram maior ansiedade na população em estudo (universitários), no tange níveis de depressão, ansiedade e estresse nesse grupo, comparativamente a períodos anteriores/normais.

A tecnologia no âmbito da saúde, sobretudo o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), recebe a nomenclatura de *e-health* (saúde eletrônica) e consiste em ferramentas que estimulam o fluxo de elementos informacionais por meio eletrônico, no intuito de amparar os serviços prestados, os sistemas de saúde e sua comunicação e gestão (WHO, 2011). De acordo com *International Telecommunication Union* – ITU (2008), o termo *e-health* está associado a tudo que remete a saúde digital. no âmbito de seus sistemas e serviços.

No Brasil, o e-SUS é uma referência de atendimento eletrônico, sendo utilizado na Atenção Básica do Sistema Único de Saúde (SUS). O sistema foi lançado com o intuito de desenvolver, reestruturar e integrar os processos de informação, que passaram a ser transmitidas de forma simultânea entre todas as esferas da assistência do governo, visando reduzir riscos e melhorar os resultados de saúde do paciente (BRASIL, 2014).

Como se pode verificar a necessidade de estudos de acompanhamento de aspectos anteriores ao COVID, como uso de tecnologia, dificuldades de integração ao novo ambiente, dificuldades oriundas das escolhas profissionais e mesmo, aquelas decorrentes ao período de desenvolvimento, somam-se agora as consequências relativas a pandemia e os novos desafios de intervenção no contexto universitário.

O BEM-ESTAR SUBJETIVO E CONSOLIDAÇÃO TEÓRICA DO TERMO BEM-ESTAR ACADÊMICO

O movimento da Psicologia Positiva é descrito como tendo início por volta da década de 1990, na ocasião em que Martin Seligman presidia a Associação Americana de Psicologia (APA). Sua emergência está associada a sugestão de que a classe da psicologia necessitava de uma mudança quanto ao foco de suas pesquisas e das intervenções praticadas, não somente no processo patológico, mas também, no tocante as atitudes positivas que o indivíduo possui. Na definição dos objetivos dessa relativamente nova área da psicologia, está Niemiec (2010), o qual afirmou que a Psicologia Positiva promove o estudo científico do que há de melhor e mais forte nos indivíduos, nas famílias e na sociedade.

De acordo com Seligman (2019), considerado um dos fundadores dessa área de estudo, o tema da Psicologia Positiva, nos dias de hoje é o bem-estar e seu principal critério de mensuração é o florescimento, cujo envolve atingir um estágio de bom funcionamento pessoal no que tange viver uma vida boa e significativa, sendo que o objetivo da Psicologia Positiva é focar na catalisação da progressão de tal processo. Ressalta-se que bem-estar é um construto, enquanto felicidade é algo concreto, mensurável e que pode ser operacionalizado, ou seja, autoavaliado pelo indivíduo, em uma escala por exemplo.

A Teoria do Bem-estar nega que o tema da Psicologia Positiva seja apenas uma coisa real, pois abarca um campo abstrato – o bem-estar – e esse, por sua vez, também possui diversos elementos mensuráveis, que contribuem para compor o ideário de bem-estar, ainda que não o definam. Com tais concepções e objetivos propostos por Seligman (2019), a Teoria do Bem-Estar, está consolidada em uma visão essencialmente em um arcabouço de livres escolhas, que contém cinco elementos estruturantes, sendo-os a emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização, que influenciarão como as pessoas livres tomarão decisões de escolha.

Cada elemento do que configura bem-estar deve possuir ao menos três características para ser considerado como tal: contribuir à formação do bem-estar, pois as pessoas buscam pelo próprio, não apenas galgar algum dos elementos, o que é definido e mensurado de modo exclusivo, isto é, independente de outros elementos. Assim, nenhum elemento isoladamente define bem-estar, mas todos contribuem para sua conjuntura.

Scorsolini-Comin e Santos (2010), em uma revisão integrativa de literatura sobre os instrumentos de avaliação relacionados à Psicologia Positiva no contexto brasileiro, que ocorreu entre 1970 e 2008, descrevem que resgataram 246 obras nas bases de dados

indexadas na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Contudo, em observância aos critérios de exclusão aplicados, restaram apenas seis itens à análise, sendo-os publicações no período entre 2004 e 2007. Os autores relatam a pouca quantidade dos trabalhos que operacionalizam os construtos estudados pela Psicologia Positiva no Brasil, apesar de inferirem que haverá crescimento no futuro e de enfatizarem que os fenômenos mais frequentemente abordados referiam-se, em específico, ao bem-estar subjetivo e à satisfação geral.

Diferente da Psicologia tradicional, que historicamente tem focado em estudar e tratar as patologias humanas, a Psicologia Positiva tem como foco o estudo do bem-estar, excelência e ótimo funcionamento do ser humano, utilizando-se do mesmo rigor metodológico que as demais áreas da Ciência Psicológica. Como proposto por Seligman (2019) a Psicologia deveria identificar e fortalecer o que é bom, fortalecer o que existe de melhor nos indivíduos, e não apenas atentar ao que está errado.

Pires et al. (2015), em revisão sistemática de literatura, descreveram que a Psicologia Positiva estuda fatores que potencializam o desenvolvimento de aspectos positivos nos seres humanos, logo, nos grupos e nas instituições. No que concerne aos contextos em que ocorrem as principais pesquisas sobre Psicologia Positiva no Brasil, os mesmos autores destacam ainda que:

> Com relação ao contexto nos quais estes estudos foram realizados (f = 42), houve predominância do escolar (f = 22, considerando os níveis de ensino fundamental até o universitário). O contexto empresarial apresentou sete ocorrências, ao passo que hospitalar e domiciliar obtiveram a frequência de cinco cada um (Pires et al., 2015, p. 290).

Em relação à modalidade mais frequente de participantes dos estudos nessa linha de pesquisa, os autores supracitados destacaram que os alunos de escolas de ensino fundamental e médio são os mais comuns, seguidos pelos universitários. A maior ocorrência de estudos no contexto educacional é uma prática comum nas diversas áreas de pesquisa em Psicologia, o que se relaciona tanto com o interesse em estudar esses fenômenos nessa etapa do desenvolvimento, quanto pela facilidade de acesso ao grande número amostral de participantes em poucas idas a campo. O interesse pela população escolar parece fazer sentido com a noção de educação positiva proposta por Seligman (2009), para o qual as emoções têm papéis fundamentais no aprendizado.

Existem vários tipos de estudos relacionados à descrição do objeto ou do sujeito, que lançam mão de técnicas padronizadas, como as coletas de dados. Apresenta-se aqui a sequência do processo de identificação do marco conceitual do tema de bem-estar acadêmico.

Primeiramente houve o embasamento na elaboração da questão de investigação: Quais os estudos disponíveis em textos completos/dissertação/ tese sobre construção e/ ou validação dos estudos do bem-estar subjetivo? Em seguida, realizou se a busca na literatura (levantamento dos artigos científicos disponíveis na base de textos completos/ dissertação e tese dos sites indexadores SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi) e Google Acadêmico, mediante o uso dos descritores: *avalição bem-estar subjetivo*, *validação bem-estar subjetivo* e *bem-estar subjetivo escala*.

Foi na sequência realizada a seleção de artigos, na base indexadora SciELO, para o descritor *avaliação bem-estar subjetivo*, não foram identificadas publicações disponíveis em textos completos/dissertação/tese. Com o descritor *validação bem-estar subjetivo* obteve-se apenas 01 Tese identificada, que, contudo, não representava o objetivo. Com o uso do descritor *bem-estar subjetivo*, nenhuma publicação foi identificada/recuperada. Ainda na plataforma SciELO, com a busca realizada com o descritor *avaliação bem-estar subjetivo* identificou-se 36 publicações que correspondem ao objetivo, sendo apenas 01 artigo. Com o descritor *bem-estar subjetivo escala*, dos 60 apontamentos remetidos, apenas 05 corresponderam ao objetivo da pesquisa. Já com a utilização do descritor *validação bem-estar subjetivo*, não foram identificadas nenhuma publicação. No Google acadêmico, utilizou-se apenas o descritor *bem-estar subjetivo escala*, com o qual foram identificadas até 160 publicações que compreendem o objetivo do estudo, sendo apenas 07 pesquisas.

À extração de dados das obras foram selecionados apenas os artigos que preenchiam o critério de inclusão: produção científica disponível em textos completos/dissertação/tese sobre estudos de construção e/ou validação do construto bem-estar subjetivo, disponíveis nas plataformas indexadoras BVS Psi, SciELO e Google Acadêmico. Optou-se ainda por incluir estudos com a temática: satisfação da vida, afeto positivo e negativo (construtos que representam bem-estar subjetivo). Na avaliação metodológica foram selecionados estudos de campo, sendo que na identificação da busca não se utilizou filtros, optando pela opção todos os índices.

Quanto à síntese dos dados, a apresentação dos resultados dos 13 artigos selecionados está demonstrada em tabelas, que apresentam os dados buscados nas obras: autores, ano de publicação, objetivo e participantes. A qualidade das evidências é demonstrada pela tipificação das obras, as quais são: artigos científicos, dissertações e teses indexadas nas bases de dados. Quanto a redação e publicação dos resultados, foram apresentados resultados e discussão deste documento. A seguir há a apresentação a Figura 3, correspondente ao fluxograma que descreve a simplificação do modo como ocorreu a busca nas bases de dados.
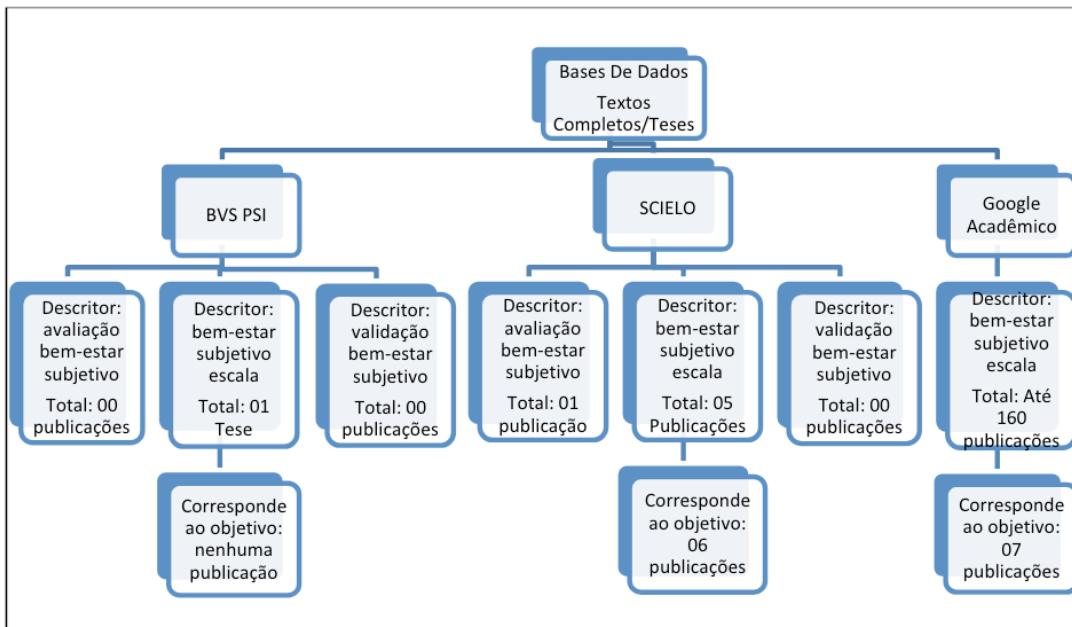
Figura 3: Fluxograma da coleta de dados da revisão sistemática e a contextualização bem-estar subjetivo

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Esta revisão sistemática é resultado das contribuições teóricas de alguns pesquisadores que se debruçaram sobre as características do bem-estar subjetivo, para fins conceituais. Os achados da pesquisa remeteram 13 obras que corresponderam ao objetivo da pesquisa e seus critérios.

Ao que concerne a resposta do objetivo específico que enuncia sobre a contextualização do bem-estar subjetivo, segundo uma revisão da literatura com base na Psicologia Positiva, a principal característica sobre o assunto que pode ser observada na coleta de dados bibliográficos, tange a similaridade entre os autores ao definir a nomenclatura bem-estar subjetivo. É discutido o fenômeno encontrado pela investigação, o que remete à Teoria da Felicidade Autêntica, Seligman (2019) quanto ao objetivo da Psicologia Positiva é de aumentar a felicidade na vida das pessoas. Por outro lado, a Teoria do Bem-Estar, em relação ao objetivo apresentado pela Psicologia Positiva, tem por objetivo aumentar o quantitativo de florescimento na vida das pessoas e do planeta.

A Teoria do Bem-Estar possui cinco elementos basilares. Segundo Seligman (2019), os mesmos são a *emoção positiva*, primordial, tanto da Teoria do Bem-Estar, quanto da Teoria da Felicidade Autêntica, refere-se a percepção de vida agradável, *engajamento*, que igualmente a emoção positiva é avaliado apenas subjetivamente, sendo que nessa

perspectiva, enquanto o estado subjetivo para o prazer está no presente, o estado subjetivo para o engajamento é apenas retrospectivo, sentido, *sentido*, que trata sobre manter a visão de pertencimento e servir a algo, cujo se acredita ser maior do que o eu, não sendo apenas um estado subjetivo, pois se trata de proposito de vida, *realização* ou *conquista*, que está associada a busca de algo, se relacionando a ideia de propósito e a busca por algo, como a própria terminologia em questão, e *relacionamentos positivos*, uma vez que as outras pessoas são a melhor formula para a momentos ruins da vida e a mais confiável para os bons.

Em um estudo sobre como a Psicologia Positiva, Zanon et al. (2020) contribuem com o enfrentamento das adversidades geradas pela Pandemia, ao apresentarem sobre satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo: o conceito de satisfação de vida, segundo os autores que consultou está caracterizado por uma avaliação cognitiva do nível de contentamento com amplos aspectos da vida que são relevantes, como, por exemplo, família, trabalho e relações sociais. De acordo com os achados do autor supracitado, o conceito de afeto positivo é composto pela frequência e intensidade com que alguém vivência emoções positivas, como entusiasmo e alegria. Já os afetos negativos são definidos pela frequência e intensidade com que alguém experimenta emoções como angústia, tristeza e medo.

Nessa perspectiva, ainda sobre as considerações de Zanon et al. (2020), uma pessoa com alto nível de bem-estar subjetivo (ou feliz) se trata de um sujeito que apresenta altos níveis de satisfação com a vida, elevada frequência de afetos positivos e baixa constância na experimentação de afetos negativos. Por sua vez, uma pessoa com baixos níveis de Bem-Estar Subjetivo (BES) (ou infeliz) apresenta baixa satisfação com a vida, mínima frequência de afetos positivos e alta frequência de afetos negativos.

Diener (1984) tratou o termo felicidade como sinônimo de bem-estar, mais especificamente, como bem-estar subjetivo, trata da avaliação geral que uma pessoa faz de sua própria vida e sobre essa pessoa ter experimentado mais emoções positivas do que emoções negativas ao longo da vida, sendo essa sua proposição apoiada na concepção hedonista de felicidade. Para Costa & Pereira (2007), no Brasil o referencial do bem-estar subjetivo (BES) vem sendo utilizado desde 1993, o qual obteve mais proporções e impulso, a partir dos anos 2000. No entanto, na maior parte dessas pesquisas, os autores partem dos conceitos previamente estabelecidos na apresentação de panoramas histórico-conceituais.

Ao abordar a temática do bem-estar Paschoal e Tamayo (2008), caracterizam a importância de levar em consideração concepções, e optaram por abordar o bem-estar geral, que conta com modelos teóricos e empíricos mais consistentes. Nesse parâmetro não existe consenso sobre as definições desse construto e, principalmente, o que o afeta.

Em um estudo, a questão sobre a felicidade é evidenciada em três aspectos: felicidade, enquanto estar no controle de sua vida, felicidade enquanto estado e, por fim, felicidade enquanto traço.

Ao que concerne a primeira forma de felicidade citada, refere-se a um conceito que mais se aproxima do sentido aristotélico de Eudaimonia, termo esse que se refere ao sentimento acompanhado do comportamento na direção do verdadeiro e consistente potencial de cada um. A felicidade, assim, seria o resultado de uma vida repleta de complexas atividades de *flow* e esse resultado seria atingido pelas pessoas que tivessem conquistado uma personalidade autotélica, isto é, baseada no autojulgamento valioso e importante sobre tudo o que realizam e se mostram menos dependentes de recompensas externas (Costa & Pereira, 2007).

Esses autores referem-se felicidade percebida como estado (estar feliz), ao qual resultaria de muitos momentos de felicidade na vida da pessoa. Essa seria a forma de perceber a felicidade por meio das teorias denominadas "de baixo para cima" (*bottom-up*), fundamentadas na visão *lockeana*. Nessa teoria, tem-se a visão de que a mente seria uma tábula rasa a ser moldada pela experiência, e consequentemente, a felicidade enquanto traço (ser feliz) é considerada como dependente da predisposição em interpretar as experiências da vida de forma positiva. No que se referem aos afetos, esses podem ser divididos em emoções específicas, tais como: determinação, enquanto inspiração e dinamismo (afeto positivo), e culpa, vergonha e tensão (afeto negativo). Essas emoções específicas corresponderiam ao nível inferior da estrutura hierárquica dos afetos, de modo a refletir o conteúdo específico dos descritores do humor. Já o afeto positivo e o afeto negativo, refletindo sua valência, corresponderiam ao nível superior dessa estrutura (Costa & Pereira, 2007).

Os afetos positivos referem-se à frequência com a qual ocorrem emoções positivas de um indivíduo, em um caráter pessoal, como: contentamento, interesse e entusiasmo. Os afetos negativos, por sua vez, nesse contexto, estão associados à frequência das emoções desagradáveis, tais como hostilidade e nervosismo (Pires et al., 2015). Desse modo, a satisfação com a vida pode ser contextualizada como uma avaliação cognitiva positiva da vida pessoal como um todo (Yilmaz & Arslan, 2013). Nessa perspectiva, entende-se que as emoções são flutuantes, sendo avaliadas como estado psicológico, e não como traço. Assim, ao promover emoções positivas, provavelmente, estimula-se o aumento das forças e virtudes pessoais. (Pires et al., 2015).

A literatura aborda que os aspectos satisfação, afeto positivo e afeto negativo não são aceitos por Ryff e Keyes como os únicos componentes do BES (Ryff & Keyes, 1995). Tais autores relatam cerca de seis componentes para o BES: (*i*) autoaceitação, (*ii*) relações

positivas com os outros, (*iii*) autonomia, (*iv*) domínio do ambiente, (*v*) razão de viver e (*vi*) crescimento pessoal. Ademais, ainda são citadas 06 virtudes e 24 forças, propostas por Park et al., 2006), que também são referenciadas na literatura.

Para Seligman (2009) As forças são características positivas, refletidas em pensamentos, sentimentos e comportamentos, que existem em graus e são utilizadas como caminhos ou formas, para se chegar às virtudes, isto é, cada virtude é composta por determinadas forças que podem ser desenvolvidas por qualquer pessoa e, quando praticadas, tornam o indivíduo virtuoso. Em síntese, as 24 forças são agrupadas em seis virtudes amplas, e, nessa linha de teoria, a aplicação mais constante das forças conduz a mais emoções positivas, engajamento, sentido e realização e melhores relacionamentos, promovendo um aumento no bem-estar subjetivo.

As definições do BES e, consequentemente, sua operacionalização em termos de medida, ainda são um tanto discrepantes entre os autores, não existindo um consenso entre os estudiosos do assunto, o que dificulta a investigação do BES (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Nesse sentido, Scorsolini-Comin e Santos (2010) em seu estudo expõem que evidências têm sido encontradas nos estudos sobre o desenvolvimento de instrumentos para medir o BES, bem como de revisões sobre a mensuração desse construto.

> A partir da leitura de publicações sobre o tema, pode-se perceber que não existe um consenso sobre o conceito de BES. Ed Diener, Robert A. Emmons, Randy J. Larsen, Frank Fujita, Ed Sandvick e EunkookSuh, autores conceituados nessa temática da Psicologia Positiva, o consideram como sinônimo de qualidade de vida percebida. As pessoas com alto nível de BES, segundo esses autores, seriam as mais satisfeitas e felizes, identificando no BES um componente cognitivo (satisfação) e outro emocional (afeto positivo e afeto negativo) (Costa & Pereira, 2007, p 74.).

Em vista do contexto apresentado, em que há múltiplos entendimentos sobre o bem-estar subjetivo e suas características classificatórias, caracterizou-se o consenso dos principais autores que trazem as categorias de bem-estar subjetivo, como: satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo, proposto pela maioria dos autores constatados neste estudo, conforme apresentado no Quadro 1.

CATEGORIAS	CONCEITOS
Satisfação da vida	- Avaliação cognitiva positiva da vida pessoal como um todo (Yilmaz & Arslan, 2013). - Satisfação com a vida é o julgamento que o indivíduo faz sobre sua vida (Keyes & Cols., 2002). - O conceito é ainda considerado como uma dimensão subjetiva de qualidade de vida, ao lado de felicidade e bem-estar (Siqueira & Padovam, 2008).
Afeto Positivo (AP)	- Os afetos positivos referem-se à frequência de emoções positivas em um indivíduo, envolvendo emoções das pessoas, como: contentamento, interesse e entusiasmo (Pires, Nunes & Nunes). - Determinação, Inspiração e Dinamismo (Costa & Pereira, 2007). - De acordo com Watson e cols. (1988), AP representa a extensão na qual uma pessoa se sente entusiasta, ativa e alerta. Um nível alto de AP constitui um estado de alta energia, plena concentração e engajamento prazeroso, enquanto baixo AP é caracterizado por tristeza e letargia.
Afeto Negativo (AN)	- Os afetos negativos, por sua vez, neste contexto, referem-se à frequência das emoções desagradáveis, tais como hostilidade e nervosismo (Pires, Nunes, & Nunes, 2015). - Culpa, Vergonha e Tensão (Costa & Pereira, 2007). - Afeto negativo (AN) é uma dimensão geral de engajamento sem prazer, incluindo, em seu nível mais alto, sensações negativas diversas, tais como raiva, desprezo, culpa, medo e nervosismo (Watson e cols, 1988).

Quadro 1: Quadro de variáveis para construção dos itens com base no modelo teórico bem-estar acadêmico

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Após apresentação das variáveis que compões a coleta do aporte teórico (Quadro1) com o consenso da maioria dos autores sobre a classificação do bem-estar subjetivo, a Figura 4, traz o fluxograma com a definição do termo Bem-Estar Acadêmico, constituído com base nos principais estudos disponíveis na literatura científica.
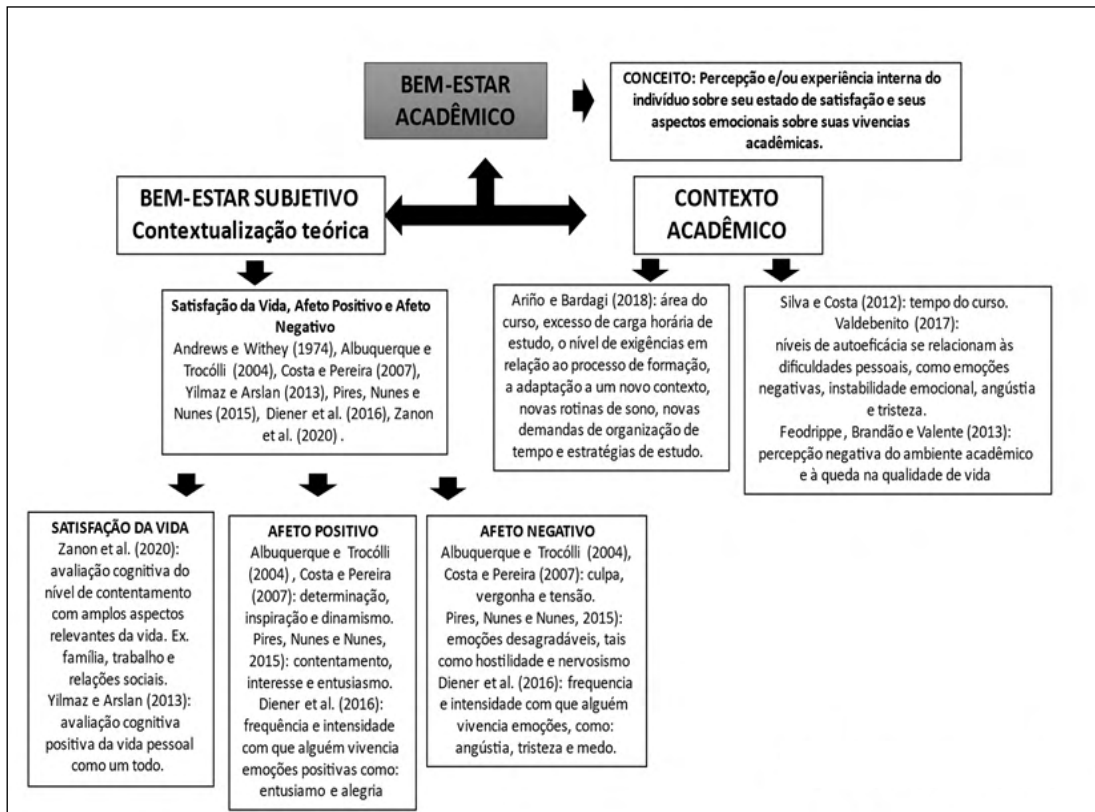
Figura 4: Fluxograma do termo bem-estar acadêmico.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Evidenciou-se o conceito de bem-estar acadêmico correspondente a percepção e/ou experiência interna do indivíduo sobre seu estado de satisfação e seus aspectos emocionais, quanto as suas vivencias acadêmicas. Esse discutido conceito é reflexo das contribuições teóricas de autores. Desta forma, optou-se pelo uso do BES apresentado por Diener et al. (2016), o qual refere que esse construto é composto por um fator cognitivo (satisfação de vida) e dois fatores emocionais (os afetos positivos e afetos negativos) que definem o nível de felicidade percebida. Com base, nesses parâmetros, na busca de estudos nas Plataformas de Pesquisa BVS Psi, SCIELO e Google Acadêmico, mediante os descritores: avaliação bem-estar subjetivo, validação bem-estar subjetivo e bem-estar subjetivo escala. Como resultado, foram identificados 13 estudos que corresponderam ao objetivo do estudo, o de evidenciar pesquisas disponíveis em textos completos/ dissertação/ tese sobre construção e/ou validação do bem-estar subjetivo nas Bases de Dados, conforme o Quadro 2.

Autores e Base de Dados	Ano	Objetivo	População participante
Albuquerque & Tróccoli BD: SciELO	2004	Elaborar itens para o desenvolvimento de um instrumento para mensurar os três maiores componentes do bem-estar subjetivo: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo	Número de respondentes: 795 pessoas (idade média = 35,6 anos; desvio-padrão = 4,83)
Giacomoni & Hutz BD: SciELO	2006	Desenvolver uma escala que foi intitulada de Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças e apresentar informações substanciais sobre as propriedades psicométricas do instrumento. E, viabilizar a testagem do Modelo Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil de Huebner	Estudo I: 661 crianças de ambos os sexos, 345 meninos (52,2%) e 316 meninas (47,8%) A faixa etária variou entre 7 e 12 anos (média - M=10, anos; desvio-padrão - DP=1,7 anos)
Giacomoni & Hutz BD: SciELO	2008	Desenvolver uma escala que foi intitulada de Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças (EMSVC) e apresentar informações substanciais sobre as propriedades psicométricas do instrumento. E viabilizar a testagem do Modelo Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil de Huebner	Participaram do estudo I, 661 crianças de ambos os sexos, 345 meninos (52,2%) e 316 meninas (47,8%) A faixa etária variou entre 7 e 12 anos (média - M=10,6 anos; desvio-padrão - DP=1,7 anos)
Gouveia et al. BD: Google Acadêmico	2008	Adaptar uma medida de bem-estar afetivo no trabalho para o contexto brasileiro. Em específico, foi conhecer evidências de validade fatorial e consistência interna da *Job-Related Affective Well-Being Scale* (*JAWS*), avaliando se as pontuações nos seus fatores diferem em função do gênero e da idade dos participantes	Participaram 298 trabalhadores de centros comerciais de pequeno e médio porte da cidade de João Pessoa (PB)
Paschoal & Tamayo BD: Google Acadêmico	2008	Construir e validar um instrumento para avaliar o bem-estar no trabalho	Participaram da pesquisa 317 trabalhadores de organizações públicas e privadas
Pais-Ribeiro & Cummins BD: Google Acadêmico	2008	Apresentar os dados de validação da versão portuguesa da escala de Bem-Estar Pessoal assim como o seu racional teórico	Participaram do estudo 1900 indivíduos dos 18 distritos de Portugal continental Idade média de 33,15 anos (entre 18 e 84 anos), 51,6% do sexo feminino, que constituem uma amostra de conveniência com proporções próximas de cada um dos 18 distritos
Segabinazi et al. BD: Scielo	2010	O objetivo deste estudo foi desenvolver uma Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (ESMVA)	Participaram 425 adolescentes (224 meninos e 201 meninas) Idade média de 16,1 anos

Albuquerque et al. BD: Google Acadêmico	2010	Adaptar e validar as Escalas de Satisfação com a Vida (ESV) e de Afetos Positivos e Negativos (EAPN) para idosos residentes em ambiente rural da Paraíba, Brasil	Participaram 342 idosos Idades entre 60 e 80 anos
Pais-Ribeiro BD: Google Acadêmico	2012	Fazer uma validação transcultural desta medida	Participaram 516 indivíduos, 54,3 % mulheres Idade média de 35,18 anos
Zanon et al. BD: SciELO	2013	Construir e buscar evidências de validade para uma escala de afetos positivos e negativos (EA)	Participaram 853 universitários do sul do Brasil (57% mulheres) Idade média de 21 anos (*DP*=3)
Costa BD: Google Acadêmico	2013	Adaptar e validar o Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) e a Satisfaction With Life Scale (SWLS) à população portuguesa nas faixas etárias acima dos sessenta e cinco anos	Amostra de 555 idosos institucionalizados Idade entre os 65 e os 100 anos de idade (M ± DP = 80,7 ± 6,7)
Silveira et al. BD:Scielo	2015	Apresentar, por meio da Teoria da Resposta ao Item (TRI), a criação de uma escala para avaliar a satisfação com a vida	A amostra 52.774 trabalhadores recrutados em duas fases: 1) os trabalhadores foram estratificados de acordo com o tamanho da empresa empregadora, medido pelo número de trabalhadores, como se segue: pequeno (20-99), médio (100-499) e grande (≥500); 2) o número de trabalhadores foi estratificado de cada porte pelas Unidades Regionais, subdivisões de um Departamento Regional
Maia et al. BD:Google Acadêmico	2016	Fazer validação fatorial do Memorial University of Newfoundland Scale of Happiness (MUNSH) para adolescentes brasileiros	Participaram 1864 adolescentes de 12 a 20 anos, residentes no norte de Minas Gerais, Brasil

Quadro 2: Validação dos estudos do bem-estar subjetivo nas Bases de Dados (BD)

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Nos resultados da pesquisa sistemática de literatura (Quadro 2), foi averiguado que o estudo que tratou de forma mais específica a construção de um instrumento para mensurar os três maiores componentes do bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida, o afeto positivo e o afeto negativo, foi a pesquisa de Albuquerque e Tróccoli (2004). É importante apontar que nas plataformas indexadoras consultadas, com os descritores empregados, não foram identificadas obras em período anterior ao da publicação dos supracitados autores. Com a nomenclatura de bem-estar subjetivo, há a pesquisa de Maia et al. (2016),

cujo estudo tratou da validação fatorial do *Memorial University of Newfoundland Scale of Happiness* (MUNSH) para adolescentes brasileiros. Para tanto, foi realizada uma análise fatorial confirmatória visando a avaliar a estrutura fatorial da escala de bem-estar subjetivo para os jovens no contexto brasileiro.

Em contraponto, sobre estudos sobre o item satisfação da vida, foi recuperado a obra de Silveira et al. (2015), que contou com o objetivo de apresentar, por meio da Teoria da Resposta ao Item (TRI), a criação de uma escala para avaliar a satisfação com a vida e os trabalhos de Segabinazi et al. (2010), que desenvolveram uma Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (ESMVA) e Giacomoni e Hutz (2006, 2008), que desenvolveram um instrumento intitulado de Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças, em 2006, e em 2008, paralelamente, realizaram a testagem do Modelo Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil de Huebner.

Os estudos para construção e/ou validação de instrumentos que envolvem o construto afeto positivo e afeto negativo, além de satisfação da vida, tem-se: Albuquerque et al. (2010) e Zanon et al. (2013), que, ambos, publicaram estudos sobre construir e buscar evidências de validade para uma escala de afetos positivos e negativos (EA), o que se assemelha ao trabalho de Costa (2013), Ainda nessa busca, foi optado em citar estudos que tiverem como base teórica o bem-estar subjetivo: como a validação transcultural da medida do instrumento de Lyubomirsky e Lepper, que desenvolveram uma medida de felicidade subjetiva com quatro itens, o que foi feiro por Pais-Ribeiro (2012).

Além de a parceria de Pais-Ribeiro e Cummins (2008), que resultou em um estudo de validação da versão portuguesa da escala de Bem- estar Pessoal, assim como em seu racional teórico, há ainda a pesquisa de Paschoal e Tamayo (2008), que realizaram estudo de construção e a validação de um instrumento para avaliar o bem-estar no trabalho, e a pesquisa de Gouveia et al. (2008), para adaptar uma medida de bem-estar afetivo no trabalho, dentro do contexto brasileiro.

A busca de literatura, sobre a construção e validação de instrumentos sobre o bem-estar subjetivo (satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo), evidenciou a existência de escassos estudos quanto a proposição de instrumentos que avaliam o bem-estar subjetivo, ou mesmo os itens que o compõem: satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo, ou que utilizaram a base teórica do bem-estar subjetivo, como: bem-estar afetivo, bem-estar no trabalho, bem-estar pessoal e felicidade subjetiva. Tais evidências reforçam a necessidade e importância de elaboração de instrumentais e mais produção acadêmica e científica sobre o tema.

INSTRUMENTOS EM PSICOLOGIA NA IDENTIFICAÇAO DO BEM-ESTAR

Até o ano de 2008, segundo Paschoa e Tamayo (2008), a revisão de literatura indicou a existência de dois instrumentos específicos quanto aos aspectos teóricos de bem-estar no Brasil: um de bem-estar subjetivo, para avaliar o bem-estar geral, o de (Albuquerque & Trócolli, 2004), e outro direcionado à mensuração do bem-estar nas organizações, o de (Dessen, 2010). A descrição dos instrumentos evidenciada no Quadro 03.

Objetivou-se investigar a produção e a contextualização teórica sobre critérios empregados para a construção e validação de instrumentos de pesquisas com reconhecimento científico, dentro da área da psicologia, no período de tempo dos últimos 10 anos, com um recorte temporal de 2011 até 2021, em base indexadoras, para averiguar os estudos mais recentes. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática de literatura, para melhor disposição e fidedignidade na busca dos dados, tipificada como descritiva e transversal.

A abordagem metodológica empregada correspondeu as seguintes etapas, sendo a primeira a (*i*) elaboração da pergunta de pesquisa – Quais os estudos disponíveis em textos completos/dissertação/tese sobre construção e validação de instrumentos em psicologia?, seguida de (*ii*) uma busca eletrônica na literatura, com levantamento dos artigos científicos disponíveis, dentro do período recortado, na base de textos completos/dissertação e tese da SciELO e BVS Psi, mediante uso do descritor: construção e validação/psicologia (restringiu-se a esse descritor, em vista do objetivo do estudo). Em prosseguimento, houve a (*iii*) seleção detalhada de artigos, sendo que na SciELO, com uso do descritor apontado, foram identificadas 44 publicações, disponíveis em textos completos/dissertação/ tese nas bases nacionais, sendo que desse material apenas 08 se enquadraram nos critérios do objetivo, e na plataforma BVS Psi, ainda com o mesmo descritor, a pesquisa remeteu 28 obras, mas corresponderam ao objetivo apenas 03 artigos.

Cabe apontar que à extração de dados foram selecionados somente os artigos que preenchiam o critério de inclusão: produção científica disponível em textos completos/ dissertação/tese sobre estudos de construção e/ou validação de instrumentos na psicologia, disponíveis nas plataformas Scielo e BVS-Psi. Posteriormente houve a (*iv*) avaliação metodológica (com a buscou por estudos de campo), sendo que na identificação do processo de recuperação de artigos foram utilizados filtros, que especificaram o contexto do Brasil. Em seguida ocorreu a (*v*) síntese dos dados, com a apresentação dos resultados dos 11 artigos selecionados, o que foi disposto no Quadro 03, com a descrição dos autores, ano de publicação, objetivo, participantes e resultados. Em conseguinte foram (*vi*) analisadas

a qualidade das evidências (artigos científicos indexados nas bases de dados, dissertação e tese), a redação e publicação dos resultados (apresentados na seção dos resultados e discussão desse documento, que compõe um artigo que foi enviado para publicação).

Esclarece-se que a escolha por trabalhos nacionais se justifica em virtude da necessidade de se evidenciar as publicações recentes no Brasil sobre construção e validação de instrumentos na área da Psicologia. Foi identificado, Quadro 3 apenas um trabalho que objetivou construção e validação de instrumentos e novos conceitos, o de Rebolo e Constantino (2020), isso dentro dos critérios de inclusão, como, a bem-estar docente. As demais obras abordam escalas de conceitos teóricos já desenvolvidos na literatura, o que importar por reforçar a importância e diferencial desse estudo.

Autor/Ano	Objetivo	Amostragem	Resultados
Rodrigues e Bastos (2012) BD: SciELO	Construir e validar a escala de entrincheiramento organizacional, construto de mesma base teórica do comprometimento de continuação. Três dimensões foram propostas: ajustamentos à posição social (APS), arranjos burocráticos impessoais (ABI) e limitação de alternativas (LA)	721 trabalhadores foram submetidos a análises exploratórias e confirmatórias para a avaliação psicométrica da escala	Os resultados indicam estabilidade, *generalizabilidade* e alta consistência interna dos três fatores, formados pelos vinte e dois itens restantes, e respaldam a decisão pela estrutura tridimensional
Howat-Rodrigues & Tokumaru (2014) BD: SciELO	Construir e validar uma medida psicológica denominada de Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI) para a população brasileira	394 pessoas, sendo 158 adultos em conflito com a lei que já haviam passado pela prisão (média de idade=34,23 anos; *DP*=10,17), 122 estudantes universitários (*M*=19,26; *DP*=2,06) e 114 mulheres com idade superior a 40 anos e escolaridade a partir de ensino médio (*M*=51,19; *DP*=8,64)	Foram conduzidos procedimentos de validade de conteúdo, face e construto. A análise fatorial gerou como produto um instrumento com estrutura de quatro dimensões (cuidado/apoio, recursos financeiros, alimentação e disciplina) com índices de confiabilidade satisfatórios para todas as dimensões. Foi concluído que a EIFI foi validada à população brasileira, podendo figurar no ambiente nacional como um instrumento para medida de imprevisibilidade familiar na infância

Magalhães (2013) BD: SciELO	Construir e validar, de forma inicial, o Inventário de Estilos Interpessoais (ESEI). O estilo interpessoal é um construto multidimensional definido como a maneira que o indivíduo busca por aceitação e *status* social	984 sujeitos com idades entre 18 e 63 anos. 395 homens e 589 mulheres, responderam ao ESEI	A análise fatorial exploratória revelou uma estrutura de oito fatores consistente com as categorias teóricas de estilo interpessoal descritas na literatura. Os oito fatores explicaram 46,24% da variância total e os índices de consistência interna das subescalas variaram entre bons e excelentes. Os resultados sugerem que o ESEI é um instrumento promissor para uso em pesquisa e contextos aplicados, embora sejam necessárias mais evidências de validade
Zanon et al. (2013) BD: BVS – Psi	Construir e buscar evidências de validade para uma escala de afetos positivos e negativos (EA)	853 universitários do sul do Brasil, (57% mulheres) com idade média de 21 anos (DP=3)	A análise de eixos principais mostra uma solução bifatorial. O primeiro fator apresentou *eigenvalue* de 5,1, explicando 25,6% da variância total, e o segundo fator, com *eigenvalue* de 2,6, explicou 12,8% da variância total. A consistência interna da escala foi de 0,83 para afetos positivos (AP) e 0,77 para os negativos (AN). Foram realizadas correlações entre AP e AN para verificar evidências de validade convergente da EA com a PANAS. Observaram-se altas correlações de AP (r=0,73) e AN (r=0,74). AP apresentou correlações positivas com satisfação de vida, esperança, otimismo e autoestima, enquanto AN apresentou correlações negativas com essas variáveis. Foi concluído que a EA apresentou evidências de validade de construto e propriedades psicométricas adequadas

Ferreira et al. (2015) BD: SciELO	Desenvolver e verificar as evidências iniciais de validade e a consistência interna de uma Escala de Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral	630 trabalhadores (mulheres = 51,5%, média de idade = 32,77; *DP* = 10,33) e, do segundo, 305 trabalhadores (mulheres = 44,3%; média de idade = 34,62; *DP* = 12,36)	As análises fatoriais exploratórias indicaram uma estrutura fatorial latente de sete fatores, com índices de consistência interna aceitáveis. Tal estrutura foi replicada na análise fatorial confirmatória. As correlações dos fatores com os afetos negativos dirigidos ao trabalho e a satisfação no trabalho foram, em geral, nas direções esperadas. Foi concluído que a escala apresentou evidências iniciais de validade e consistência interna, o que recomenda seu uso futuro para fins de diagnóstico e pesquisa
Faiad et al. (2016) BD: SciELO	Apresentar o processo de construção e evidências iniciais de validade do Teste de Reação à Frustração Objetivo (TRFO)	1.766 participantes, de diferentes estados brasileiros	Construído a partir de uma versão projetiva da mesma medida, o instrumento consta de 31 situações pictóricas, consideradas frustrantes. Cada situação possui 11 possíveis respostas, que representam diferentes possibilidades de reação à frustração. Os itens foram construídos a partir da análise de respostas livres de 112 participantes. Essas respostas foram transformadas em frases que representam cada uma das 11 possíveis reações à frustração
Mognon & Santos (2016) BD: BVS – Psi	Construir uma Escala de Autoeficácia (EADir) para dirigir e verificar, preliminarmente, suas propriedades psicométricas	500 motoristas em processo de renovação da Carteira Nacional de Habilitação, com idades entre 23 e 78 anos, sendo 60,40% pertencentes ao sexo masculino	Apresenta evidências de validade de conteúdo e semântica obtida na etapa inicial do trabalho. Além disso, foi possível identificar evidência de validade relativa à estrutura interna dos itens, obtida pela AFE. Adicionalmente, obteve-se uma estimativa de fidedignidade suficiente para que possa ser usada.

Melo et al. (2019) BD: SciELO	Construir e buscar evidências de validade da Escala de Benevolência frente à Esquizofrenia	Amostra de 200 estudantes universitários tanto no primeiro estudo, quanto no segundo.	Foram realizados dois estudos na cidade de João Pessoa, Paraíba: o Estudo 1 descreve a construção e busca evidências de validade fatorial da Escala de Benevolência frente à Esquizofrenia com uma amostra de 200 estudantes universitários, idades entre 16 e 50 anos (M = 21,2; DP = 5,23). Os dados foram submetidos à análise fatorial exploratória revelando um único fator, com 07 itens que explicou 34,74% da variância, alfa de Cronbach satisfatório (0,77). O Estudo 2 objetivou testar o modelo de ajuste aos dados da estrutura fatorial da Escala de Benevolência frente à Esquizofrenia com uma amostra de 200 universitários, com idades entre 16 e 68 anos (M = 25,75; DP = 10,34)
Dametto & Noronha (2019) BD: SciELO	Construir um instrumento para avaliar as virtudes e forças de caráter de adolescentes e buscar evidências psicométricas para a escala	836 adolescentes entre 14 a 18 anos, estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, sendo 60,4% meninas	Os alunos responderam a Escala de Forças de Caráter para Adolescentes (EFC-A). A análise de juízes indicou que a EFC-A possui evidências de validade de conteúdo. A análise fatorial confirmatória permitiu a extração de cinco fatores, bem como o coeficiente alfa mostrou boa precisão. Os dados psicométricos iniciais para a EFC-A são promissores, porém são necessários novos estudos para buscar outras evidências de validade, bem como novas análises para testar a estrutura fatorial do modelo utilizado
Santos & Wechsler (2020) BD: SciELO	Construção e validação de uma escala de otimismo para adultos	555 adultos, 18 a 77 anos (*M* = 33,6; *DP* = 11,5), sendo a maioria mulheres (65,4%)	A análise semântica e a análise de juízes indicaram evidências de validade baseadas no conteúdo, sendo a análise fatorial exploratória indicou um modelo de dois fatores, que explicou 47,3% da variância dos dados. Os valores de alfa de Cronbach indicaram a precisão do instrumento (α = 0,94 – Fator 1 e α = 0,92 – Fator 2)

Rebolo & Constantino (2020) BD: BVS – Psi	Apresentar o processo de construção e validação da Escala de Bem-Estar Docente (Ebed)	353 professores da Educação Básica, que avaliaram esses itens quanto ao grau de satisfação/insatisfação que proporcionam	Trata-se de um instrumento desenvolvido para identificar os fatores que contribuem para o bem-estar dos professores com o seu trabalho. Composta de 37 variáveis da dimensão objetiva do trabalho (socioeconômicas, relacionais, da atividade laboral e infraestruturas). As análises, realizadas com a Correlação de Pearson e Análise de Componentes Principais (PCA), apontam que todas as variáveis têm correlação positiva e significativa com a variável "Feliz" (autopercepção de felicidade do professor com o trabalho), contribuindo e podendo ser validadas para medir o bem-estar docente

Quadro 3: Textos completos/dissertação/ tese sobre construção e/ou validação dos estudos em Psicologia nas Bases de Dados (BD)

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O levantamento por obras que descrevam pesquisas sobre construção de instrumentos na psicologia vinculados a temática do bem-estar remeteu 11 estudos. Os trabalhos recuperados pertencem aos anos de 2012, 2013, 2015, 2016, 2019, 2020 e estão disponíveis nos sites indexadores utilizados como fonte de dados à pesquisa eletrônica, a qual foi realizada com os critérios de inclusão referidos anteriormente.

Sobre os autores recuperados, Rodrigues e Bastos (2012), em sua descrição metodológica abordam etapa de elaboração dos itens. Esses autores, em seus achados, descrevem que há escassez de trabalhos teóricos ou empíricos sobre o entrincheiramento com foco na organização e seu desenvolvimento teórico foi o principal demarcador à proposição dos itens.

Na fase anterior, foi realizada uma ampla revisão de escalas já validadas e relacionadas aos fatores sugeridos para o construto, especialmente as construídas para mensurar os *side-bets* e o comprometimento de continuação, a partir das quais foram selecionados. Ao final, a medida totalizou 31 itens, dispostos em escala Likert de seis pontos (com as alternativas: discordo totalmente a concordo totalmente). A aplicação pela internet viabilizou a distribuição da versão digital do questionário a diferentes trabalhadores, que eram convidados a distribuí-la a outros trabalhadores.

Rodrigues et al. (2012) em um estudo que teve como objetivo construir e validar uma medida psicológica denominada de Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI),

voltada para a população brasileira. A amostragem foi composta por um quantitativo de 394 pessoas e com uma análise fatorial que gerou como produto um instrumento com estrutura de quatro dimensões (cuidado/apoio, recursos financeiros, alimentação e disciplina), sendo que para todas houve índices de confiabilidade satisfatórios. Ressalta-se que esta modalidade de categorizar os itens, foi evidenciado nos demais estudos do Quadro 3.

Já nos achados apresentados por Magalhães (2013) e Zanon et al. (2013), para um processo de construção e validação de instrumentos, foi evidenciado uma proximidade entre os estudos desses autores, quanto ao número da amostra de partícipes e a com categorização dos itens. No instrumento o início de todas as sentenças possuía a introdução "Quando eu era criança, eu..." (p. 629), o que é continuado com a descrição de comportamentos específicos. O respondente é convidado a marcar em uma escala Likert de cinco pontos, que ia desde discordo totalmente (com valor 1) a até concordo totalmente (com valor 5), e que registra o grau de concordância com a descrição comportamental oferecida em cada frase. A etapa da análise dos juízes foi realizada por meio de um formulário contendo as definições conceituais das categorias de estilo interpessoal, os itens propostos e as instruções à avaliação de cada item, o que incluiu os seguintes aspectos: (*a*) adequação do conteúdo, (*b*) clareza da formulação, (*c*) relevância e (*d*) identificação da categoria de estilo interpessoal. O formulário também incluiu espaço para que os juízes apresentassem sugestões.

Ferreira et al. (2015) em seu estudo com 630 participantes buscou desenvolver e verificar as evidências iniciais de validade e a consistência interna de uma Escala de Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral. Tomando por base as oito dimensões do modelo teórico, que nortearam a elaboração do instrumento, inicialmente foi construída uma versão composta por 95 itens (positivos e negativos), retirados de instrumentos disponíveis na literatura da área ou criados para esse fim, para os mesmos serem respondidos em escalas de seis pontos, variando de "nunca me afeta (com valor 1)" a "sempre me afeta (com valor 6)", sendo a alternativa apontada pelo partícipe da pesquisa conforme a frequência com que cada estressor represente algo e/ou provoque algum tipo de mal estar no trabalho (exemplo de item: receber instruções contraditórias sobre o que fazer no trabalho). Foi realizada uma análise técnica, executada por cinco juízes, que avaliaram a pertinência de cada item a uma das oito dimensões prévias que orientavam a construção do instrumento. Os itens que obtiveram um índice de concordância de pelo menos 80,0% foram mantidos no instrumento, o que implicou na posterior eliminação de cinco itens pelos pesquisadores (Ferreira et al., 2015).

No estudo de Faiad et al. (2016), primeiramente foi levantada a definição constitutiva e a operacionalização sobre o construto de frustração. O instrumento então foi

sistematizado em 31 situações consideradas frustrantes, representadas por desenhos, que possibilitaram a análise de 11 possíveis reações frente à frustração. A pesquisa contou com um diferencial, em relação aos demais trabalhos recuperados e expostos no Quadro 3, pois seu processo de aplicação ocorreu de modo coletivo, em salas de aula, com estudantes do curso de psicologia devidamente treinados. Ademais, em meio aos estudos averiguados na revisão sistemática descrita nesta seção deste documento, esse foi o estudo de maior quantitativo de participantes, com a marca total de 1.766 pessoas de diferentes estados do Brasil. A proposta do Teste de Reação à Frustração Objetivo (TRFO) indicou que esse é um instrumento que busca atender grande parte da demanda de avaliação referente a tal medida, principalmente no uso em aplicações coletivas.

No trabalho de Melo et al. (2019), com 200 participantes, o objetivo foi construir e buscar evidências de validade da Escala de Benevolência frente à Esquizofrenia. No que tange os procedimentos desse estudo, os dados foram submetidos à análise fatorial exploratória, cuja revelou um único fator, com 7 itens que explicaram 34,74% da variância, com alfa de Cronbach satisfatório (0,77). Um segundo estudo buscou testar o modelo de ajuste aos dados da estrutura fatorial da Escala de Benevolência frente à Esquizofrenia, com uma amostra de 200 universitários, com idades entre 16 e 68 anos (M = 25,75; DP = 10,34).

No estudo de Dametto e Noronha (2019) sobre Forças de Caráter, tem-se que essas são características individuais positivas que podem ser expressas por meio de pensamentos, sentimentos e ações. Conforme evidenciado no Quadro 03, o objetivo do estudo foi construir um instrumento para avaliar as virtudes e forças de caráter de adolescentes e buscar evidências psicométricas à escala, o que contou com a participação de 836 adolescentes, com idades entre 14 a 18 anos e estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, sendo, esses, 60,4% meninas. Os partícipes responderam a Escala de Forças de Caráter para Adolescentes (EFC-A) e a posterior análise de juízes indicou que o referido instrumento possui evidências de validade de conteúdo. A análise fatorial confirmatória permitiu a extração de cinco fatores, bem como o coeficiente alfa mostrou a precisão.

Como resultado, segundo os autores, os dados psicométricos iniciais à EFC-A são promissores, porém são necessários novos estudos para buscar outras evidências de validade, bem como mais análises para testar a estrutura fatorial do modelo utilizado. Em outro estudo, os autores supracitados, em sua contextualização teórica, fazem um resgate de instrumentos nesse parâmetro, sobre o otimismo, anteriores a sua pesquisa. Apontam que na constituição do instrumento houve inicialmente a construção de 90 itens, para compor a Escala de Otimismo para Adultos, a qual corresponde a um aparelho para

o autorrelato, dividido em três fatores relacionados ao otimismo, sendo-as as Expectativas (positivas e negativas), Autoeficácia e Persistência. Destaca-se que a escala foi composta por itens positivos e negativos. Posteriormente, foi realizada a análise semântica, feita com quatro participantes, para verificar se uma amostra da população-alvo, com nível de escolaridade restrito ao ensino fundamental, compreenderia os itens da versão inicial da Escala de Otimismo para Adultos.

No trabalho de Mognon e Santos (2016), relatam a construção da Escala de Autoeficácia para dirigir e verificar, preliminarmente, as suas propriedades psicométricas, que também tem como referência uma estrutura teórica construída com estudos similares, sobre outros trabalhos que abordam a avaliação do otimismo em bases de dados, assim como o estudo citado por Santos e Wechsler (2020). O processo metodológico destaca etapas, as quais são, primeiramente, o levantamento sobre o tema, que culminou na elaboração de 20 itens, os quais foram ampliados após avaliação de juízes. Posteriormente, foi houve o estudo piloto, com a aplicação dos 25 itens resultantes em 40 motoristas. Os resultados indicaram a necessidade de algumas adequações e a construção de mais dez itens. Na última etapa, o instrumento foi aplicado em 500 motoristas que se encontravam em processo de renovação da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), com idades entre 23 e 78 anos, sendo 60,40% pertencentes ao sexo masculino. Após a análise fatorial, a escala foi reduzida para 15 itens alocados em um único fator, com variância explicada de 41,75% e fidedignidade adequada ($\alpha = 0,91$). Detalham os autores minuciosamente a estrutura da versão final da escala, cuja apresentou o seguinte enunciado: “abaixo você encontrará frases que descrevem situações que podem ocorrer no trânsito diariamente. Você deverá ler atentamente cada uma e marcar o quanto acredita que é atualmente capaz de fazer o que está descrito. Para responder, considere as pontuações entre 1 e 10” (p. 131). Os itens foram organizados em uma escala Likert com 10 opções de respostas, variando de 1 (nada confiante) a 10 (totalmente confiante). Optaram de iniciar pelo valor mínimo de 1 e não zero, com base na suposição de que os motoristas teriam um sentimento mínimo de eficácia, já que conseguiram obter a Carteira Nacional de Habilitação - CNH e a estavam renovando, enquanto a opção de poderem apontar até o número 10, à construção de escalas de autoeficácia, sendo que tal autor orienta que as respostas devem conter números organizados em intervalos de 10 pontos, com término em 100, ou em estrutura simplificada até 10. Após todos esses ajustes a escala foi aplicada em uma amostra maior de participantes, visando-se o estudo de suas propriedades psicométricas.

A investigação de Rebolo e Constantino (2020) traz um diferencial, em relação aos demais estudos apresentados, pois esses autores desenvolveram um termo: o bem-estar docente (EBED) e, inclusive, situado bem próximo ao objetivo do estudo registrado

neste livro, que é a avaliação do bem-estar acadêmico, com base em uma teoria. Esse construto, que segundo os autores, é um processo dinâmico, construído durante a vivência profissional e que ocorre na intersecção de duas dimensões, uma objetiva (que abarca aspectos socioeconômicos, relacionais, quanto a atividade laboral, e infra estruturais do ambiente de trabalho) e outra subjetiva (relacionada à formação, ao projeto de vida, as necessidades e expectativas do professor). Segundo os autores, a EBED é um instrumento dividido em três partes. A primeira é constituída por itens sobre dados pessoais (idade e sexo) e profissionais (tempo de exercício do magistério). A segunda é constituída por 37 variáveis, que correspondem aos quatro itens da dimensão objetiva do trabalho (atividade laboral, socioeconômico, relacional e infraestrutura), construídas sob a forma de escala Likert de cinco categorias de respostas (muito insatisfeito, insatisfeito, neutro, satisfeito e muito satisfeito), o que permite aos professores expressarem seu grau de satisfação/insatisfação com cada uma das variáveis. A terceira parte é constituída pela pergunta "Você é feliz no seu trabalho?", pois há a consideração de que o bem-estar é um fenômeno que não pode ser aferido externamente e que cuja existência só pode ser afirmada ou negada pela própria pessoa. Assim, com essa pergunta buscou-se conhecer como cada professor se sentia em relação ao seu trabalho, ao relacionar as variáveis avaliadas como satisfatórias ou insatisfatórias e com a autopercepção de felicidade (Rebolo & Constantino, 2020). Ademais, na obra desses autores é possível apontar um diferencial, tocante a apresentação dos itens da escala Likert em relação ao de Mognon e Santos (2016).

Sumarizando os achados identifica-se que a literatura consultada destaca determinadas etapas seguidas ao processo de construção de instrumentos. Dessa forma, emergem as seguintes fases sequenciais: (*i*) estabelecimento da estrutura conceitual, (*ii*) definição dos objetivos do instrumento e da população envolvida, (*iii*) construção dos itens e das escalas de resposta, (*iv*) seleção e organização dos itens, (*v*) estruturação do instrumento, (*vi*) validade de conteúdo e (*vii*) pré-teste – teste piloto; simulação, que averiguará a aplicabilidade do instrumento (Coluci et al., 2020).

INVESTIGANDO POSSIVEIS COMPROMETIMENTOS NO RENDIMENTO UNIVERSITÁRIO PELO COVID E A ESCALA DE BEM-ESTAR ACADÊMICO

A pesquisa foi tipificada como descritiva, exploratória e não probabilística. O objetivo foi descrever as características de determinado público-alvo, que, no caso, foi a população de acadêmicos de nível superior, o que se processou por meio de um instrumento, construído e validado, em um anterior determinado espaço de tempo. Dessa forma, o estudo buscou explorar as características do bem-estar acadêmico por meio da contextualização teórica do bem-estar subjetivo e da Psicologia Positiva.

A abordagem foi predominantemente quantitativa, o que, segundo Sampieri, Collado & Baptista Lúcio (2014), demonstra que o pesquisador, no problema de estudo, delimita um fenômeno, com perguntas que direcionam de forma específica o estudo. Assim, a coleta de dados é baseada em medição, ou seja, as variáveis ou conceitos contidos nas hipóteses são medidos. A coleta foi realizada por meio de procedimentos padronizados e aceitos por uma comunidade científica.

A população alvo do estudo se tratou de estudantes de ensino superior, matriculados em curso de graduação, com um parâmetro temporal compreendido de agosto a dezembro de 2021, ou seja, de cinco (5) meses, para a obtenção de uma amostra de 2.000 indivíduos. A amostragem utilizada foi a do tipo não probabilística, que para os autores Sampieri, Collado & Baptista Lúcio (2014) se trata da metodologia com a qual não se pode afirmar que casos são estatisticamente representativos da população em estudo. Na pesquisa realizada, os elementos foram escolhidos aleatoriamente em procedimento de *Snowball*, também conhecido como "bola de neve", em que são definidas as características da população em grande área, temporalidade de atividade acadêmica e durante o período de pandemia, com o distanciamento social em vigor.

Junto a população universal que foi alvo do estudo foram admitidos como aptos a participar os acadêmicos de qualquer curso de graduação de Instituições de Ensino Superior brasileiras, públicas e privadas, que desenvolvam atividades acadêmicas. Foram excluídos do estudo os acadêmicos tidos como não aptos, ainda que pertencentes a qualquer curso de graduação, por terem idade inferior a 18 anos. Demais alunos que não tiveram interesse em participar da pesquisa também foram excluídos.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) obtendo o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de n. 31155320.7.0000.5168, que é o identificador da pesquisa, sob o n. do Parecer: 4.084.265.

O instrumento de coleta de dados foi apresentado aos participantes por meio de

formulário eletrônicos *online* do Google Form, sendo desenhado para uso em aparelhos moveis e/ou computadores. O mesmo consistia em 59 itens, divididas em 3 seções, sendo-as: (*i*) identificação do usuário via e-mail, com envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Apêndice A, remetido na integra para a devida leitura, aceite de participação na pesquisa e levantamento de dados pessoais, como sexo e idade e apontamento do tipo de instituição, se pública ou privada, situação geográfica (macrorregião do Brasil em que estuda) e área de formação na academia; (*ii*) dados psicossociais sobre aspectos relacionados ao COVID e percepção das implicações no rendimento acadêmico; e (*iii*) 44 itens referentes ao instrumento, sobre os aspectos de bem-estar subjetivo (um desses itens estava repetido, e outros 02 itens estavam com escrita pouco adequada, sendo descartado na análise, desse modo foram válidos somente 41 itens).

O instrumento foi desenvolvido com o empregando dos dados: (*a*) estimativas socioculturais e econômicas (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES (2018); (*b*) informações sobre impacto social e da saúde (WHO, 2020); (*c*) elaboração de itens acerca dos aspectos de bem-estar subjetivo: Siqueira e Padovam (2008), Costa e Pereira (2007), Pires et al. (2015), Seligman (2009; 2011; 2019), Scorsolini-Comin e Santos (2010), Andrade et al. (2016), Park, Peterson e Seligman (2006) e outros. Os itens referentes ao Bem-Estar Subjetivo foram planejados, elaborados e desenvolvidos com base nos procedimentos preconizados pela Teoria Clássica dos Testes (TCT).

Segundo Pasquali (2009) a psicometria procura explicar o sentido que têm as respostas dadas pelos sujeitos a uma série de tarefas, tipicamente chamadas de itens. A TCT se preocupa em explicar o resultado final total, isto é, a soma das respostas dadas a uma série de itens, expressa no chamado escore total (T). Por exemplo, o T em um teste de 30 itens de aptidão seria a soma dos itens corretamente acertados. Se for dado 1 para um item acertado e 0 para um errado, e o sujeito acertou 20 itens e errou 10, seu escore T seria de 20. A TCT, então, o autor questionar o que significa este 20 para o sujeito?

Dessa forma, o mesmo autor, ainda refere que a TCT tem interesse em produzir *testes* de qualidade, enquanto a TRI se interessa por produzir *tarefas* (itens) de qualidade. No final, então, temos ou testes válidos (TCT) ou itens válidos (TRI), itens com os quais se poderão construir tantos testes válidos quantos se quiser ou o número de itens permitir.

> O modelo da TCT foi elaborado por Spearman e detalhado por Gulliksen, o modelo é o seguinte: **T = V + E.** Onde, **T =** escore bruto ou empírico do sujeito, que é a soma dos pontos obtidos no teste; **V =** escore verdadeiro, que seria a magnitude real daquilo que o teste quer medir no sujeito e que seria o próprio

> T se não houvesse o erro de medida; **E =** o erro cometido nesta medida. Dessa forma, ***o escore empírico é a soma do escore verdadeiro e do erro*** e, consequentemente, E = T - V, bem como, V = T - E. Assim, a grande tarefa da TCT consiste em elaborar estratégias (estatísticas) para controlar ou avaliar a magnitude do E. (Pasquali, 2009, p. 993).

Nesta pesquisa, o estudo desenvolveu-se nas seguintes etapas:

I – Primeiro Passo – Revisão sistemática. Para a construção dos itens do instrumento para avaliação do bem-estar acadêmico, via aplicativo móvel, foi realizada uma revisão de literatura sistemática sobre a temática, com a finalidade de definir a abrangência dos construtos “bem-estar acadêmico”, utilizando como base teórica a contextualização das características do bem-estar subjetivo.

Essa revisão sistemática foi resultado das contribuições teóricas de pesquisadores que abordam o tema e/ou de assuntos relacionado, como: Albuquerque & Tróccoli (2004), Giacomoni & Hutz (2006), Gouveia et al. (2008), Paschoal & Tamayo (2008), Pais-Ribeiro & Cummins (2008), Segabinazi et al. (2010), Albuquerque et al. (2010), Pais-Ribeiro (2012), Zanon et al. (2013), Maia et al. (2016), Seligman & Csikszentmihalyi (2000), dentre outros autores que contribuíram com a discussão teórica da pesquisa.

A escolha de base de dados dos assuntos teóricos abordados foram *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi), livros e revistas voltados ao tema, sendo que para a pesquisa foram empregados como descritores os termos “bem-estar subjetivo”, “psicologia positiva”, “sofrimento psíquico e universitários”, “transtorno mentais menores”, “construção e validação de instrumentos”, os quais possibilitaram uma visão mais ampla a respeito do assunto abordado no trabalho.

Foram empregadas bases de dados indexadoras, com uma busca por obras publicadas no período de 2007 a 2022 (últimos quinze anos da literatura nacional, às quais se somaram algumas contribuições de publicações estrangeiras). A base teórica nacional e internacional, que não correspondiam ao recorte temporal delimitado, também foram incluídas, como: Andrews e Withey (1974), Hutz, Koller & Bandeira (1996), Diener et al. (1984, 1996), Seligman. & Csikszentmihalyi (2000) e Albuquerque e Tróccoli (2004). Cabe apontar que a descrição concernente a revisão sistemática está descrita em detalhes com seus resultados em uma das seções do referencial teórico deste documento.

II – Segundo Passo – Elaboração dos itens. A partir da revisão sistemática de literatura de autores, foi consolidada a elaboração dos itens. Foram desenvolvidos um total de 50 itens das principais características observadas na literatura. A forma de resposta foi dicotômica para os itens de identificação do respondente (sexo, idade, etc.), e politômica

em escala de Likert (concordo totalmente, concordo parcialmente, indiferente, discordo parcialmente e discordo totalmente), para os itens da escala. Estimou-se tempo para conclusão de responder com uma estimativa de tempo para sua conclusão de, em média, 20 minutos.

III – Terceiro Passo – Análise semântica do conteúdo das frases. Foram os itens apresentados ao comitê de juízes de alto expertise quanto ao conteúdo e elaboração de instrumentos. Foram elaboradas em conformidade com a representação do construto de bem-estar acadêmico.

IV – Quarto Passo – Seleção e organização dos itens e estruturação do estudo. Após a consolidação dos itens, foram convidados três juízes conhecedores da temática do Bem-Estar Subjetivo, Psicologia Positiva e construção e validação de itens, para avaliação do instrumento. No dia 26/07/2021 foram enviados e-mails com o instrumento, com um prazo de resposta até o dia 31/07/2021 e após a avaliação técnica, foram descartados 7 itens, cuja apresentação, conteúdo ou clareza estavam comprometidos, segundo apreciação dos juízes.

V – Quinto Passo – Estruturação dos itens e validade do conteúdo. Após a avaliação dos juízes, a escala ficou com 43 itens, sendo que se evidenciou que o item número 12 (A profissão/área me dará oportunidades de ser competente) inadvertidamente estava em repetição com o item 3, na aplicação do instrumento, o que somou na plataforma do *Google form* 44 itens.

VI – Sexto Passo – Adaptação do instrumento aos recursos da base via aplicativo móvel, para coleta de dados dos participantes. Uma vez obtidos os itens, o instrumento foi desenvolvido conjuntamente com profissional de Tecnologia da Informação (TI) no dia 15 de agosto de 2021, para adaptação do documento para um formato compatível ao uso no *Google Form*, para acessibilidade e coleta de dados junto aos participantes.

VII – Sétimo Passo – Pré-teste. No período de 23 à 30 de agosto de 2021 foi realizado o piloto da aplicação do instrumento, cujo foi encaminhado a cinco professores universitários de diferentes áreas de conhecimento que atuam em IES privadas e públicas. Aos mesmos foi solicitado que enviassem de modo aleatório o instrumento a outros dois alunos, em um modelo *Snowball* e, assim, foram obtidos 15 participantes acadêmicos. A percepção dos respondentes sobre a resposta dos itens, agregou comentários quanto: que o instrumento era extenso para responder, e que havia uma frase repetida (item 12).

DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

Etapa 01 – Período: 15 à 22/08/2021 – Inicialmente foi realizado o contato via e-mail com instituições representativas das IES nacionais, para que essas pudessem enviar os nomes das IES públicas e privadas do Brasil e seus contatos, para uma posterior escolha, que ocorreria de forma aleatória, para uma coleta de dados. Porém não foi obtida resposta de algumas e outras, apesar de responderem, informaram que não poderiam compartilhar os dados, em virtude da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a Lei n. 13.709/2018.

Etapa 02 – Período: 23 à 28/08/2021 – Após um período de uma semana de aguardo e sem a obtenção de repostas positivas dos contatos com as instituições das IES Nacionais e em vista da necessidade de cumprir o prazo da coleta de dados, o site do Ministério da Educação foi eleito para a busca das IES Federais, assim como o site eletrônico da Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP), para o contato com as IES privadas. A escolha das IES nesses sites ocorreu de modo aleatório e, após o selecionamento, um e-mail com uma carta de apresentação as respectivas instituições escolhidas foi enviado. Mas, novamente, não foi obtida resposta, dentro do tempo do início da coleta de dados da pesquisa.

Etapa 03 – Período: 29/08/2021 – Após um período sem respostas para os e-mails enviados às IES selecionadas na etapa anterior, a procura por alunos que participaram da aplicação piloto do instrumento foi optada e, dessa forma, foram, então, enviados e-mails para os mesmos, com o convite para que esses participassem da pesquisa e encaminhassem o instrumento para outros universitários, seguindo o modelo *Snowball*. Contudo, mesmo com um novo contato realizado dois dias depois, ainda não houve êxito em captar participantes.

Etapa 04 – Período 04/09/2021 – Realizado uma abordagem em uma rede social (Instagram), com as associações de representatividade estudantil universitárias das macrorregiões nacionais e, novamente, não se obteve resposta para o apoio ao compartilhamento da pesquisa.

Etapa 05 – Período 13/09/2021 – Após as tentativas descritas, de modo aleatório foram enviados e-mails para docentes de IES privadas e públicas de diferentes regiões do Brasil, solicitando o compartilhamento do instrumento *online* com universitários e que os mesmos repetissem a ação, encaminhando a pesquisa para outros acadêmicos, em um comportamento *Snowboll*, para composição de amostragem.

Etapa 06 – Período 18/10/2021 – Ainda, com uma baixa adesão de participantes, então foi iniciada uma nova etapa da pesquisa, em outubro de 2021, cuja contou com a contribuição de dois estudantes universitários, que fizeram contato individual via redes

sociais (*Instagram, Facebook e Whashapp*) com universitários de todas as macrorregiões censitárias do Brasil. Contudo, dessa vez houve uma resposta positiva quanto a captação de respondentes e a adesão foi progressivamente aumentando e dentro do prazo previsto, até 20.12.2021, foi alcançada a marca de 702 participantes, durante o período letivo do referido ano.

Todos os participantes foram orientados sobre o *link* para acesso ao instrumento de coleta de dados, cujo era acompanhado dos objetivos da pesquisa, documento sobre o direito ao sigilo das informações prestadas e sobre a possibilidade interrupção da pesquisa a qualquer momento, caso fosse desejado. Ao acessar o *link* de acesso ao instrumento, o participante era encaminhado, inicialmente, até o TCLE e, após concordar com o seu conteúdo, então podia responder ao instrumento de coleta de dados da pesquisa.

Ao que concerne o processo de análise de dados, as respostas obtidas com o instrumento de coleta de dados foram dispostas em uma Planilha Excel. Na oportunidade, foi verificado que havia 1 item repetido - Item 12 (A profissão/área me dará oportunidades de ser competente); e o Item 13 (Creio que não me identifico com as habilidades exigidas no curso/área que escolhi), e o Item 17 (Estou deixando muitas coisas de lado para estudar) foram retirados, pela redação pouco adequada, e o instrumento foi redefinido com 41 itens, restruturado as numerações (A versão final do instrumento está apresentado em Apêndice.

Os dados quantitativos foram organizados e tabulados no programa Microsoft Excel, por meio de tabela dinâmica, com o propósito de caracterizar o universo amostral pesquisado e os dados colhidos. Os dados posteriormente foram repassados ao SPSS versão 28. Em conseguinte, foram realizadas análises descritivas, com frequência percentual, representadas por meio de histogramas e tabelas, com base nas respostas tanto de identificação do participante (sexo, idade, etc.), como aos itens da escala proposta. Tais análises buscaram caracterizar a expressão das variáveis e a possibilidade destas, serem de distribuição normal, Teste de Kolmogorov-Smirnov. Em relação ao tratamento das análises, considerou-se provas estatísticas tanto paramétricas e não paramétricas, tento em vista a caracterização da distribuição.

Os itens da escala foram analisados pela frequência de resposta, média, variância e desvio padrão individualmente. Posteriormente realizou-se a verificação da fatorabilidade da matriz por meio da prova de KMO, e esfericidade de Bartlett (Damásio, 2012). Na sequência rodou-se a análise de componentes principais, identificando por meio do Screeplot a presença de fatores expressivos. Definiu-se valores de eigenvalue, iguais ou superiores à 0,44, para a saturação do covariância. Uma vez definidos os resultados da escala, esta foi comparada as varáveis de identificação, como: sexo, idade, área do curso e região geopolítica do Brasil, por meio, de testes de diferenças de média (Teste t de

student), análise de variância, ANOVA.

A análise fatorial exploratória (AFE) tem sido um dos procedimentos estatísticos mais utilizados no desenvolvimento, avaliação e refinamento de instrumentos psicológicos (Damásio, 2012). A AFE é geralmente conduzida em duas situações: o pesquisador não possui uma teoria prévia subjacente ou evidências empíricas suficientes que explicitem como os itens de determinado instrumento devem ser agrupados e avaliados; ou quando o pesquisador quer confirmar ou refutar a estrutura fatorial de determinado instrumento (Brown, 2006). Quanto aos Pressupostos das Análises Fatoriais Exploratórias, o primeiro passo durante a implementação de AFEs é observar se a matriz de dados é passível de fatoração, isto é, analisar se os dados podem ser submetidos ao processo de análise fatorial (Pasquali, 1999). Para isso, dois métodos de avaliação são mais comumente utilizados, a saber: o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO); e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Damásio, 2012).

Damásio (2012) refere ainda sobre a prática do uso do teste do “scree plot” ou teste de Cattell, que este é pouco utilizado. Tal procedimento consiste na observação do gráfico dos eigenvalues, no qual é apresentado o número de dimensões (eixo-x) e seus eigenvalues correspondentes (eixo-y). Por meio da análise do gráfico, é possível observar quais fatores apresentam maiores eigenvalues, sendo, portanto, responsáveis por uma maior variância explicada. Assim, a confiabilidade de uma estrutura fatorial pode ser obtida por meio de diversos critérios, dependendo tanto das escolhas do pesquisador quanto do delineamento do estudo (transversal, longitudinal, entre outros).

Dentre vários critérios apresentados na literatura, o cálculo do índice de consistência interna, por meio do Alfa de Cronbach (a), é o método mais utilizado em estudos transversais - quando as medições são realizadas em apenas um único momento (Sijtsma, 2009). A ANOVA, por sua vez, é uma técnica estatística amplamente utilizada na psicologia. Seu modelo apresenta uma série de informações necessárias para a melhor compreensão dos critérios adotados em sua execução. Damásio (2012) reitera que é importante que os valores estatísticos obtidos sejam sempre ponderados a partir de uma base teórica e metodológica, para que sua interpretação seja adequada.

IDENTIFICANDO POSSIVEIS COMPROMETIMENTOS E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE VALIDAÇÃO DO INTRUMENTO DE BEM-ESTAR ACADÊMICO

As informações sobre o perfil dos 702 universitários participantes da pesquisa, sexo e idade, revelaram que os respondentes em sua maioria eram do sexo feminino, com 76,9% (540) e do sexo masculino 23,1% (162). Em relação a idade, a idade média dessa população que respondeu ao instrumento é de 23,79 anos, sendo o desvio padrão de 6,7, com idade mínima de 18 anos e a máxima 60 anos. A maioria dos que participaram da pesquisa eram da região Norte (27,9%; 196) (Tabela 1), cujo população amostral apresentou também a maior representatividade de estudantes da rede particular da pesquisa, com 109 indivíduos (28,6%) (Tabela 2), assim como maior percentual referente a área de conhecimento, no caso, a da saúde (30,2%) (Tabela 3). Logo, em um contexto geral, o perfil do participante do estudo pode ser definido em: universitárias da área da saúde da região Norte que estudam na rede particular de ensino superior, com idade média de 23,79 anos.

Região	Frequência	Porcentagem
Norte	196	27,9%
Nordeste	177	25,2%
Centro-oeste	112	16,0%
Sudeste	130	18,5%
Sul	87	12,4%

Tabela 1: Distribuição dos participantes da pesquisa nas macrorregiões censitárias

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A distribuição dos participantes quanto ao tipo de IES, pública ou privada, por macrorregião censitária brasileira, está apresenta na Tabela 2.

Instituição de ensino superior	Macrorregião do Brasil				
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Privada	87 (27,1%)	76 (23,7%)	68 (21,2%)	41 (12,8%)	49 (15,3%)
Pública	109(28,6%)	101(26,5%)	44 (11,5%)	89 (23,4%)	38 (10,0%)

Tabela 2: Distribuição dos participantes da pesquisa por macrorregiões censitárias do Brasil e instituições pública e privada

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em relação as áreas de conhecimento dos cursos dos universitários. A Tabela 3, apresenta as quatro áreas de formação e sua frequência na composição da amostra.

		Qual a região do Brasil que você estuda				
		Norte	Nordeste	Centro-oeste	Sudeste	Sul
Selecione a Área de conhecimento	Saúde	30,2%	24,5%	15,7%	16,0%	13,7%
	Humanas	24,4%	28,5%	14,9%	22,7%	9,5%
	Social	35,1%	24,3%	21,6%	10,8%	8,1%
	Exatas	25,0%	18,1%	18,1%	20,8%	18,1%

Tabela 3: Distribuição dos participantes da pesquisa por áreas de conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A pesquisa identificou que um total de 641 (91,3%) dos respondentes referiu não ter tido necessidade de realizar trancamento do curso ou de disciplinas, por motivos financeiros motivados pelos impactos econômicos gerados pelas medidas sanitárias de isolamento social em virtude da pandemia do COVID-19. Quanto a ocorrência da doença em algum membro da família, em 2020/2021, 77,2% (542) informaram terem sido contagiados, mas 687 (97,9%) mas sem necessidade de hospitalização. Sobre impactos nas atividades acadêmicas no período pandêmico, a maioria, 67,3% (613) dos respondentes referiram alterações no seu rendimento, conforme evidenciado, na Tabela 4.

Alternativas para resposta	Frequência	Porcentagem
Sim	613	87,3
Não	89	12,7
Total	702	100,0

Tabela 4: Descrição dos estudantes de ensino superior participantes da pesquisa sobre alterações no rendimento acadêmico em virtude dos impactos da pandemia do COVID-19 em 2020-2021

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Na percepção dos universitários consultados, a interferência no percurso normal das aulas e a adoção do ensino remoto impactaram no nível da satisfação, em relação a aprendizagem na universidade, com um índice de insatisfação de 89% (441 dos respondentes concordando totalmente e 185 concordo parcialmente). O processo ensino (remoto, presencial e híbrido) foi percebido pelos respondentes como uma possível interferência na formação profissional, pois 85,6% concordaram com a possibilidade desse fato, na formação profissional.

Reconfigurando tipo de resposta politômica de 5 pontos, para dicotômica, foi verificado que 87,3% dos partícipes da pesquisa referiram que tiveram, sim, impacto no seu rendimento acadêmico, em virtude do período da COVID 19 dos anos de 2020/2021.

Ao que tange a construção do instrumento, a pesquisa buscou evidenciar uma solução fatorial parcimoniosa, a partir de análises de componentes principais, com a identificação de fatores associados ao conteúdo referente ao bem-estar dos acadêmicos. Para tanto, foram adotados valores de eigenvalue, em que uma saturação igual ou superior a 0,44 foi definida.

Procedeu-se a verificação da fatorabilidade da matriz por meio do Teste KMO e Bartlett. Logo, e aplicado a Matriz de Componentes Principais, ao qual caracterizou uma matriz sem rotação, de tal forma que se observa a expressão de três fatores de agrupamento, a saber: Fator 01, Fator 02 e Fator 03, que com a exclusão do Item 13 (Escolhi o curso/área na universidade pela minha autonomia de vida) menor que 0,44, a escala passa a ser composta por 40 itens (a versão final do instrumento segue no Apêndice).

Uma vez compatível a solução fatorial parcimoniosa, foram identificados e definidos três fatores, com 47,3% da variância explicada, o que caracterizou a definição do número de Fatores. A escala Fator 1, denominada de Autoconfiança e realização acadêmica profissional, que contou com 27 itens, obteve um Alfa de 0,94; Fator 02, nomeada de Apoio social com 2 itens, obteve um Alfa de 0,82, e o Fator 3, identificado como Limitações autopercebidas no rendimento, com 11 itens, obteve um Alfa de 0,85. A escala total apresentou um Alfa de 0,90. Assim sendo, foi possível preparar a base instrumental da aplicação web do instrumento, a ser administrado subsequentemente, em formato de web aplicação.

Em relação a aplicação *web*, a escolha do banco de dados não relacional MongoDB está amparada na flexibilidade e, tais como segurança de inserção de dados e da alta capacidade de se poder tratar os dados posteriormente, por isso as tecnologias adotadas foram o **Next.js** (uma estrutura da *web* de desenvolvimento *front-end React* de código aberto criada pela empresa Vercel que permite funcionalidades como renderização do lado

do servidor e geração de sites estáticos para aplicativos da *web* baseados em *React*) e banco de dados não relacional MongoDB (banco de dados orientado a documentos livre, de código aberto e multiplataforma, escrito na linguagem C++ e classificado como um programa de banco de dados NoSQL, O MongoDB usa documentos semelhantes a JSON com esquemas). Todas as tecnologias possuem o código aberto, orientado a comunidade fortemente ativa e são bem difundidas no mercado, facilitando assim desenvolvimentos e ajustes futuros.

Com o intuito de verificar a possibilidade diferenças entre grupos compostos por resultados extremos, baixo resultados, com valores abaixo de 1,5 DP, e altos resultados, com escores superiores a 1,5 DP, os fatores do instrumento de bem-estar acadêmico foram comparados. As alterações significativas para os fatores estão apresentadas abaixo. Com base no agrupamento dos resultados apresentados pelos participantes em extremos (abaixo ou acima de 1,5 DP) foram caracterizadas análises referentes a diferença de média para cada um dos Fatores e da escala no total, caracterizando evidências de Validade Convergente e Divergente.

Grupos		N.	Média	Desvio Padrão
Houve alterações no seu rendimento acadêmico neste período pandêmico (2020/2021)	Baixos	62	4,24	1,12
	Altos	273	4,22	0,96
Precisou trancar o curso ou disciplinas em 2020/2021 por questões financeiras	Baixos	62	1,85	0,35
	Altos	273	1,91	0,27
Você ou algum membro de sua família contraiu COVID em 2020/2021	Baixos	62	1,19	0,39
	Altos	273	1,22	0,41
Você precisou ficar hospitalizado em 2020/2021 por COVID	Baixos	62	1,96	0,17
	Altos	273	1,97	0,16
O COVID em algum membro de sua família ou em você impactou no processo de seu aprendizado	Baixos	62	3,53	1,42
	Altos	273	3,35	1,53
As aulas remotas interferiram na sua satisfação em relação a aprendizagem na universidade	Baixos	62	4,25	1,18
	Altos	273	4,32	1,06
Na sua opinião, as alterações no processo de ensino (remoto, híbrido, presencial) interferem na formação profissional	Baixos	62	4,04	1,15
	Altos	273	4,16	1,10
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Baixos	62	74,48	13,05
	Altos	273	130,30	3,49
Apoio Social	Baixos	62	6,12	2,21
	Altos	273	9,09	1,29

Limitações autopercebidas no seu rendimento	Baixos	62	36,25	11,21
	Altos	273	37,94	7,69
Pontuação total do teste	Alto	62	44,35	10,99
	Baixos	273	101,45	9,43

Tabela 05: Resultados dos extremos baixos e altos para o Fator 01 – Autoconfiança na realização

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Verificou-se as diferenças significativas entre extrato baixo e alto, no agrupamento com indivíduos que referiram precisaram ter realizado o trancamento de curso ou disciplinas no Fator 1 Autoconfiança na realização acadêmico profissional (alfa = 0,001), Fator 2 Apoio social (alfa = 0,001) e Fator 3 Limitação autopercebidas em seu rendimento (alfa = 0,001).

Grupo F2		NN	Média	Desvio Padrão
Houve alterações no seu rendimento acadêmico neste período pandêmico (2020/2021)	Baixos	14	4,50	0,85*
	Altos	376	4,28	0,95
Precisou trancar o curso ou disciplinas em 2020/2021 por questões financeiras	Baixos	14	2,00	0,00*
	Altos	376	1,93	0,24
Você ou algum membro de sua família contraiu COVID em 2020/2021	Baixos	14	1,14	0,36*
	Altos	376	21,81	0,41
Você precisou ficar hospitalizado em 2020/2021 por COVID	Baixos	14	2,00	0,00*
	Altos	376	1,97	0,15
O COVID em algum membro de sua família ou em você impactou no processo de seu aprendizado	Baixos	14	3,71	1,20*
	Altos	376	3,42	1,47
As aulas remotas interferiram na sua satisfação em relação a aprendizagem na universidade	Baixos	14	4,57	1,08*
	Altos	376	4,39	1,02
Na sua opinião, as alterações no processo de ensino (remoto, híbrido, presencial) interferem na formação profissional	Baixos	14	4,50	0,85*
	Altos	376	4,25	1,06
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Baixos	14	90,78	29,96*
	Altos	376	121,86	12,56
Apoio Social	Baixos	14	2,35	0,49*
	Altos	376	9,71	0,45
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Baixos	14	39,28	10,01*
	Altos	376	39,82	7,68
Pontuação total do teste	Baixos	14	53,85	22,36*
	Altos	376	91,75	16,92

Tabela 06: Resultados dos extremos baixos e altos para o Fator 02 – Apoio Social

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Verificou-se as diferenças significativas entre extrato baixo e alto, no Fator 1 Autoconfiança na realização acadêmico profissional (alfa = 0,001).

Grupo F3	N		Média	Desvio Padrão
Houve alterações no seu rendimento acadêmico neste período pandêmico (2020/2021)	Baixos	55	3,54	1,41
	Altos	6	4,66	0,51*
Precisou trancar o curso ou disciplinas em 2020/2021 por questões financeiras	Baixos	55	1,90	0,29
	Altos	6	2,00	0,00*
Você ou algum membro de sua família contraiu COVID em 2020/2021	Baixos	55	1,23	0,42
	Altos	6	1,33	0,51*
Você precisou ficar hospitalizado em 2020/2021 por COVID	Baixos	55	1,96	0,18
	Altos	6	2,00	0,00*
O COVID em algum membro de sua família ou em você impactou no processo de seu aprendizado	Baixos	55	2,98	1,59
	Altos	6	3,50	1,51*
As aulas remotas interferiram na sua satisfação em relação a aprendizagem na universidade	Baixos	55	3,70	1,43
	Altos	6	5,00	0,00*
Na sua opinião, as alterações no processo de ensino (remoto, híbrido, presencial) interferem na formação profissional	Baixos	55	3,67	1,33
	Altos	6	4,83	0,40*
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Baixos	55	106,21	33,66
	Altos	6	120,50	13,08*
Apoio Social	Baixos	55	7,52	2,62
	Altos	6	8,66	1,96*
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Baixos	55	22,94	2,50
	Altos	6	54,167	0,40*
Pontuação total do teste	Baixos	55	90,80	35,71
	Altos	6	75,00	14,85*

Tabela 07: Resultados dos extremos baixos e altos para o Fator 03 – Limitações autopercebidas no rendimento

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Verificou-se as diferenças significativas entre extrato baixo e alto, quanto a interferência na satisfação das aulas remotas (alfa = 0,001). No Fator 1 Autoconfiança na realização acadêmico profissional (alfa = 0,001), e Limitação autopercebidas em seu rendimento (alfa = 0,003), e Pontuação total do teste (alfa = 0,001).

Grupo Totais		N	Média	Desvio Padrão
Houve alterações no seu rendimento acadêmico neste período pandêmico (2020/2021)	Baixos	55	4,36	1,06
	Altos	22	3,59	1,33
Precisou trancar o curso ou disciplinas em 2020/2021 por questões financeiras	Baixos	55	1,81	0,38
	Altos	22	1,86	0,35
Você ou algum membro de sua família contraiu COVID em 2020/2021	Baixos	55	1,23	0,42
	Altos	22	1,27	0,45
Você precisou ficar hospitalizado em 2020/2021 por COVID	Baixos	55	1,98	0,13
	Altos	22	2,00	0,00
O COVID em algum membro de sua família ou em você impactou no processo de seu aprendizado	Baixos	55	3,50	1,47
	Altos	22	3,00	1,69
As aulas remotas interferiram na sua satisfação em relação a aprendizagem na universidade	Baixos	55	4,45	1,03
	Altos	22	3,90	1,37
Na sua opinião, as alterações no processo de ensino (remoto, híbrido, presencial) interferem na formação profissional	Baixos	55	4,12	1,18
	Altos	22	3,86	1,24
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Baixos	55	75,61	15,02
	Altos	22	133,81	2,85
Apoio Social	Baixos	55	6,12	2,30
	Altos	22	9,68	0,71
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Baixos	55	40,00	11,35
	Altos	22	23,81	2,92
Pontuação total do teste	Baixos	55	41,74	9,48
	Altos	22	119,68	3,37
Houve alterações no seu rendimento acadêmico neste período pandêmico (2020/2021).	Baixos	55	1,14	0,35
	Altos	22	1,31	0,47

Tabela 08: Resultados dos extremos baixos e altos para os Grupos Totais

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Verificou-se as diferenças significativas entre extrato baixo e alto, Fator 1 Autoconfiança na realização acadêmico profissional (alfa = 0,001), Fator 2 Apoio social (alfa = 0,001) e Fator 3 Limitação autopercebida em seu rendimento (alfa = 0,001). Pontuação total do teste (alfa = 0,002).

Para os respondentes que referiram trancar o curso ou disciplinas por questões financeiras (Tabela 09), comparando com os demais que não necessitaram trancar,

evidenciou-se a diferença significativa (alfa 0,004) ao fator 01 – Autoconfiança na realização acadêmico e profissional.

		N	Média	Desvio Padrão
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Sim	61	113,39	19,87
	Não	641	116,31	17,04
Apoio Social	Sim	61	8,21	1,65
	Não	641	8,32	1,90
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Sim	61	40,18	7,89
	Não	641	39,92	8,02
Pontuação total do teste	Sim	61	81,42	22,10
	Não	641	84,72	19,82

Tabela 09: Resultado Fator 1 Autoconfiança na realização acadêmica e profissional comparativo aos grupos, necessitou trancar curso/disciplina e não necessitou trancar curso/disciplina

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Para os respondentes que identificaram desfechos de contágios decorrentes do COVID, próprio ou a familiares, não evidenciou diferenças significativas para os resultados de sub escalas e escala total, conforme evidenciado na Tabela 10.

		N	Média	Desvio Padrão
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Sim	542	115,95	17,75
	Não	160	116,44	15,77
Apoio Social	Sim	542	8,33	1,90
	Não	160	8,27	1,82
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Sim	542	40,05	8,00
	Não	160	39,56	8,05
Pontuação total do teste	Sim	542	84,22	20,34
	Não	160	85,15	18,99

Tabela 10: Resultados dos Fatores 1, 2 e 3 e escala total quanto aos grupos com contágio e sem contágio autorreferido

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Alterações autorreferidas de rendimento caracterizaram por sua vez diferenças significativas nos Fatores Apoio social (alfa 0,005) e Limitações autopercebidas em seu rendimento (alfa 0,003), conforme Tabela 11.

		N	Média	Desvio Padrão
Autoconfiança na realização Acadêmica e Profissional	Sim	613	116,34	16,68
	Não	89	114,14	21,12
Apoio Social	Sim	613	8,35	1,84
	Não	89	8,06	2,11
Limitações autopercebidas no seu rendimento	Sim	613	40,54	7,70
	Não	89	35,85	8,91
Pontuação total do teste	Sim	613	84,15	19,75
	Não	89	86,35	21,89

Tabela 11: Resultados dos fatores 1, 2 e 3 e escala total quanto aos grupos com alterações e sem alterações de rendimento acadêmico autorreferido

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Estes dados apresentados compreendem ao processo de validação da escala de bem-estar acadêmica, um dos objetivos deste estudo, no capítulo seguinte vamos conhecer a discussão destes dados.

AS POSSÍVEIS ALTERAÇÕES NO BEM-ESTAR DE UNIVERSITARIOS FRENTE AO CENÁRIO DA PANDEMIA

Com o reflexo da pandemia, em um parâmetro de impacto mundial, o processo de ensino e aprendizagem teve implicações efetivas e duradouras, o distanciamento social comprometeu a qualidade das relações sociais, o isolamento e a questão financeira, o ensino remoto e suas vulnerabilidades, o acesso desigual ao estudo pela internet, além de o impacto direto a saúde física e mental, como apontado em estudos citados no referencial teórico, além de toda as perdas de milhares de vidas que o COVID-19 gerou.

A preocupação sobre o bem-estar acadêmico e seus fatores direciona no entendimento das sequelas ao meio acadêmico e a autopercepção nesta perspectiva. Assim é exposta uma sequência desde o perfil do público acadêmico, seguido do aporte teórico do bem-estar subjetivo como suporte da contextualização do termo bem-estar acadêmico, os indicadores de impactos da Pandemia no processo de ensino dos universitários e, por último, a processo de construção e validação da escala de bem-estar acadêmico.

CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DO UNIVERSITÁRIO

Devido a sua extensão continental, diversas subculturas e uma diversidade de indicativos geopolíticos, não se pode considerar o Brasil como homogêneo inclusive na caracterização de educação superior. A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES (2019) mostra que estudantes do sexo feminino é maioria absoluta nas Universidades Federais, desde a primeira pesquisa de tal instituição. Em 1996, as mulheres eram 51,4% dos estudantes e, em 2018, essa população foi para 54,6%, e esses dados corroboram com este estudo, ao qual teve como respondentes universitárias em sua maioria de participantes, com 76,9% (540). O que o perfil dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras está mais próximo do perfil sociodemográfico do Brasil.

Os resultados apontam que as universidades expressam a diversidade cultural, racial e de sexo da população brasileira, assim como a desigualdade de renda (ANDIFES, 2019). Como exemplo disso é possível citar a renda mensal familiar nominal média *per capita* no país, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) em 2018, era de R$1.373,00, enquanto a renda mensal familiar nominal média *per capita* dos estudantes da graduação é de R$1.328,00 (INEP, 2018).

Com o objetivo de mapear o Ensino Superior no Brasil um estudo desenvolvido pela SEMESP (2021) constatou aumento da presença de alunos com baixa renda, com renda média de um salário-mínimo ou menos, nas faculdades, e que o número de matrículas em

cursos superiores presenciais e de ensino a distância (EAD), nas redes privada e pública, cresceu 1,8% em 2019. Muito embora esses dados tenham sido do período inicial da pandemia, fornecem um retrato do perfil dos respondentes.

Foi identificado que a maioria dos participantes dessa investigação referiu não precisar trancar alguma disciplina, ou mesmo o curso no período pandêmico da COVID-19, sendo a média da idade de 23, 7 anos, com maior participação da Região Norte e Nordeste, sendo a coleta realizada com participantes de todas as Regiões Geopolíticas do Brasil, assim como, notou-se uma maior participação das áreas de formação: saúde, humanas, social e exatas.

BEM-ESTAR SUBJETIVO E PSICOLOGIA POSITIVA

A revisão sistemática desenvolvida sobre o conceito o bem-estar subjetivo, evidenciou um importante ambiente sobre a Psicologia Positiva, área de conhecimento que abrange o estudo desse termo. Nos estudos levantados foram identificadas 13 publicações que corresponderam ao objetivo do estudo e, de uma visão geral, ao qual foi preconizado que a Psicologia Positiva tem como foco o bem-estar do indivíduo, tendo relação direta, assim, com a prevenção e promoção da saúde. Assim, entende-se que quando se promove bem-estar, também se está promovendo a saúde e, consequentemente, prevenindo o sofrimento psíquico.

Vale ressaltar nas palavras de Seligman (2009, p. 11) que:

> "[...] as pessoas querem mais do que apenas corrigir suas fraquezas; querem vidas cheias de significado, e não somente um dia depois do outro até a morte". Autores como Seligman, Csikszentmihalyi, Edward Diener, Robert Kegan, Senia Maymin são referência na produção de saberes sobre o tema e suas afirmativas mostram ser atuais ainda hoje.

Recentemente Seligman (2011) em seu livro *Florescer*, refere não haver um modo específico do surgimento da Psicologia Positiva e discorre uma história de apoio a seus estudos de uma fundação de financiamento privado a pesquisas, em que em um desses projetos subsidiaram pesquisas sobre a Psicologia Positiva e que ao longo dos anos, a expansão desse saber e suas vertentes ofertou autonomia para se autossustentar. Para o citado autor a Psicologia Positiva tem a ver com aquilo que escolhemos por si mesmos.

A Psicologia Positiva busca estudar os fundamentos psicológicos do bem-estar e da felicidade, as emoções positivas, bem como os pontos fortes e virtudes humanas. E o conceito de bem-estar subjetivo corresponde ao que as pessoas sentem e pensam sobre suas vidas e ao nível de satisfação da vida percebido pelo indivíduo, um termo aceito

cientificamente para o que as pessoas, no senso comum, chamam de felicidade (Seligman, 2019).

Outros autores, como Pires et al. (2015), no que tange à produção nacional em Psicologia Positiva, caracterizam a inexatidão do primeiro estudo publicado no Brasil, porém, acreditam que tenha sido um estudo de Hutz, Koller & Bandeira (1996), sobre resiliência. Desde então descrevem os autores, houve uma considerável evolução na produção em Psicologia Positiva no contexto nacional, ressaltando, inclusive, estudos envolvendo construtos vinculados a esta linha da Psicologia, como esperança, autoeficácia, autoestima, otimismo e afetos. Dentre as temáticas que a Psicologia Positiva aborda, tem-se o bem-estar.

A Teoria do Bem-estar desenvolvida por Seligman (2019), tem como base cinco elementos: emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização. Tem por objetivo, incrementar o florescimento no aumento da emoção positiva, do engajamento, do sentido, dos relacionamentos positivos e da realização.

No processo de construção de instrumentos de medida do bem-estar subjetivo, segundo Scorsolini-Comin & Santos (2010, p.445), no Brasil, são importantes contribuições, que foram apresentadas, como visto nos estudos de: Albuquerque & Tróccoli (2004), Giacomoni & Hutz (2008), além de autores como: Francisco José Batista, José Angel Vera Noriega, Maria Tereza de Souza Neves e Címtia Ribeiro Martins.

DEFINIÇÕES E APORTE TEÓRICO DO BEM-ESTAR ACADÊMICO

Um dos construtos mais estudados no movimento da Psicologia Positiva é o bem-estar subjetivo, que corresponde segundo a literatura científica, uma avaliação subjetiva do indivíduo da própria situação atual no mundo (Oliveira, et al., 2016). Perspectiva semelhante a de Scorsolini-Comin e Santos (2010) que apresentam que o bem-estar subjetivo se trata de uma experiência interna de cada indivíduo, ao qual permite que esse emita um julgamento de como a pessoa se sente e o seu grau de satisfação com a vida.

A maior parte dos pesquisadores em BES considera os componentes desse termo, os propostos por Andrews e Withey (1974): um fator cognitivo (e.g., satisfação de vida) e dois fatores emocionais (e.g., afetos positivos e afetos negativos) que definem o nível de felicidade percebida pelo indivíduo (Diener et al., 2016). Nessa perspectiva elegeu-se tal suporte teórico em conjunto com contribuição de outros autores, como apresentado na Figura 2, no referencial teórico, na página 26, que consolidação do termo bem-estar acadêmico e sua definição.

A contextualização teórica embasou o termo bem-estar acadêmico, que corresponde a autopercepção sobre seu bem-estar do universitário, ao qual envolve as demandas desse cenário acadêmico, ou seja, sua perspectiva singular sobre o que esse indivíduo entende sobre o seu bem-estar, no dado momento de resposta do instrumento. Nesse ponto, é ressaltado que a elaboração de um instrumento, não objetiva um parâmetro afirmativo sobre o que é concerne o bem-estar e, sim, uma descrição de autopercepção do momento do respondente, em que os indicativos sejam autorreflexivos para direcionamentos de condutas do acadêmico em relação ao construto alvo da pesquisa.

PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA NO RENDIMENTO DE SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Em vista do período pandêmico que caracterizou o mundo nos últimos dois anos abranger a autopercepção da vida universitária e no contexto do presente, que foi diretamente impactada pela crise sanitária mundial. Uma vez que este estudo buscou construir e validar um instrumento que caracteriza o bem-estar acadêmico, os impactos a saúde mental e rendimento acadêmico foram temas transversais ao objetivo principal deste estudo. Assim, a percepção dos universitários acerca das alterações no seu rendimento acadêmico no período de 2020/2021 demonstrou que extensa maioria dos respondentes referiram consequências diretas e indiretas no rendimento.

Em um estudo transversal desenvolvido pelos autores Mota et al. (2021), que contou com uma coleta no segundo mês de isolamento social, em 2020, em decorrência à COVID-19, foi evidenciado que 58,5% dos estudantes universitários participantes apresentaram indicadores de intenso sofrimento psíquico, proporção que indica uma alta taxa de prevalência de Transtornos Mentais Comuns na referida amostra, segundo o instrumento utilizado. Justifica-se compreender como a fragilização do indivíduo, pode ser acentuada pelo uso exacerbado de internet ou se tal uso, quando feito de forma intensiva, emerge como um mecanismo de escape para aqueles que já vivenciavam uma perda de sentido de vida, contribuindo para o sofrimento psíquico.

Em outro estudo, os estudantes apresentaram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse comparativamente aos que integraram o estudo no período anterior a pandemia. Esclarecem os autores ainda, que esses dados podem sugerir um impacto psicológico negativo da pandemia aos estudantes, necessitando explorar as implicações da pandemia na saúde mental dos estudantes, para que se possam prevenir e minorar os seus efeitos (Maia & Dias, 2020).

Além das consequências diretas e imediatas como nas esferas financeira e de

saúde gerados pelo período pandêmico, buscou-se ainda entender também uma possível intervenção no rendimento acadêmico. Quanto a ocorrência do COVID em algum membro da família ou ao respondente em 2020/2021, uma expressiva parcela dos informantes referiu ter sido contagiado, mas sem necessidade de hospitalização. Sobre as atividades acadêmicas no período pandêmico, os respondentes referiram alterações com forte expressão no comprometimento de seu rendimento, pela adoção do modelo remoto, para substituição do presencial.

ALTERAÇÕES NA AUTOPERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS QUANTO A AO BEM-ESTAR ACADÊMICO FRENTE AS MANIFESTAÇÕES DA PANDEMIA SARS COVID 19

Diante das mudanças provocadas pela Pandemia da COVID-19 e com a preocupação quanto a transmissibilidade entre docentes, discentes e funcionários, as Instituições de Ensino Superior, adotaram como medida emergencial suspensão de aulas presenciais e ensino e aprendizagem virtuais, com o objetivo de tentar reduzir o índice de evasão dos estudantes, e prosseguir com as programações, atividades acadêmicas, bem como com seus calendários letivos (Arruda, 2020).

Esse cenário implicou em um processo abrupto de adaptação para modelo de ensino remoto por uso da internet e tecnologia, algo que já vinha sendo implementado aos poucos nas Instituições de ensino, por meio do modelo EAD (ensino à distância), modelo híbrido e estratégias via recursos tecnológicos, sem a emergência definida pelo distanciamento social. De acordo com um estudo Instituto IPSOS, encomendado pelo Fórum Econômico Mundial, 53% dos brasileiros afirmaram que sua percepção em relação a sua saúde mental teve um declínio expressivo entre agosto de 2020 e o mesmo período em 2021.

Evidenciou-se ainda em 2021 um estudo em parceria entre a UNICEF e o Instituto Gallup conduzido em 21 países, que um em cada cinco jovens com idades entre 15 e 24 anos, afirmou que muitas vezes se sente deprimido ou tem pouco interesse em ter ou realizar alguma atividade. No Brasil, dados semelhantes foram coletados por uma Startup do setor de seguros e cruzamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou que o número de suicídios de jovens entre 11 e 20 anos dobrou no país, entre o período de 2014 e 2019 (UNICEF, 2021).

Para os respondentes que referiram necessidade de trancar o curso ou disciplinas por questões financeiras, em comparação com os demais, que referiram não necessitar dessa prática, evidenciou-se uma diferença significativa no fator Autoconfiança na realização acadêmico e profissional. Contudo, para os universitários que identificaram desfechos de

contágios decorrentes do COVID, próprio ou a familiares, não houve maiores expressões sobre os resultados de sub escalas ou mesmo escala total. Identificou-se ainda alterações autorreferidas de rendimento caracterizaram por sua vez diferenças significativas nos Fatores Apoio social e Limitações autopercebidas em seu rendimento.

Os anos de 2020 e 2021 caracterizaram os maiores índices de evasão de alunos do ensino superior privado no Brasil de toda a sério histórica, segundo Instituto SEMESP. Registrou-se que em 2020, cerca de 3,78 milhões (37,2%) de alunos evadiram-se das instituições de ensino e, em 2021, foram cerca de 3,42 milhões de universitários que desistiram em universidades privadas, representando um índice de 36,6% de evasão. A evasão no ensino superior privado cresceu no período da pandemia, onde o número de estudantes fora das universidades e faculdades aumentou de 30% em 2019 para 35,9% no ensino presencial em 2020; e de 35%, em 2019, para 40%, no ensino a distância, em 2020.

Em um estudo sobre a saúde mental e o uso da internet por universitários no período da pandemia Mota et al. (2021), constataram que a população de universitários apresentou uma prevalência de Transtornos Mentais Comuns – TMC – em que mais da metade dos respondentes (58,5%), positivamente relacionou a frequência de uso de internet, e com a utilização de estratégias de enfrentamento evitativas, baseadas no confronto, orientadas para a busca de suporte social e aceitação de responsabilidade. A presença de TMC e a utilização de estratégias de enfretamento baseadas no confronto foram as variáveis que melhor explicaram o uso problemático de internet. A intensa sociabilidade digital deve ser levada em consideração nas ações de cuidado em saúde mental direcionadas aos universitários no contexto da COVID-19.

Dadas as características apresentadas em estudos sobre o acompanhamento de estudantes universitários e implicações a saúde mental desses, ampara-se e justifica-se assim a importância do instrumento para mensurar a autopercepção do bem-estar dos universitários, além de a intensificação de estudos e estratégias para prevenção e promoção ao cuidado à saúde mental e bem-estar de universitários, ao qual engloba: questões financeiras, sociais, saúde física e emocional, estrutura e desigualdade de acesso das universidades, dentre outros fatores que somam aos impactos que os universitários vivenciam neste período.

CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO PARA AVALIAR CARACTERÍSTICAS DO BEM-ESTAR ACADÊMICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Foi apresentada anteriormente, no referencial teórico, a necessidade de uma descrição sobre a contextualização dos critérios para elaboração, construção e validação

de instrumentos de pesquisas, no período de tempo dos últimos dez anos, de 2011 a 2021. Os resultados demonstraram, por meio de uma revisão sistemática, 11 estudos nacionais com esse parâmetro. Estudos, como o direcionamento da construção do aporte teórico, de etapas da construção e validação do instrumento, auxiliaram na visualização da base utilizada no Brasil, para atendimento do objetivo geral da pesquisa.

Identificou-se estudos dentro do parâmetro de construção e validação de instrumentos no âmbito nacional e internacional, e dentre eles, o de Santos e Wechsler (2020), que desenvolveram uma escala de otimismo para adultos. Os autores descreveram as etapas, como: a construção dos itens, foram realizadas análise semântica, análise de juízes, análise fatorial exploratória e verificou-se a precisão.

A investigação de Rebolo e Constantino (2020), por exemplo, buscou identificar os fatores que contribuem para o bem-estar dos professores com o seu trabalho. No conjunto de dados coletados na pesquisa, a análise investigou os principais fatores em quatro grupos de variáveis (infraestrutura, atividade laboral, socioeconômico e relacional) que chegou ao modelo de análise do bem-estar docente.

Neste estudo, após consolidação da base teórica e a análise semântica elaborou-se e construiu-se 50 itens que englobavam as características dos fatores satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo. Após, na definição dos itens, enviou-se estes para avaliação de juízes, que consolidou 43 itens, e iniciou-se o processo de aplicação do instrumento, ao qual teve a participação de 702 universitário, de todas as regiões geopolíticas do Brasil.

Uma das mais importantes decisões a ser tomada durante a execução de AFEs se refere ao número de fatores a ser retido (Damásio, 2012). Com a análise dos dados, evidenciou-se a confiabilidade de 40 itens, subdividos em três fatores: Fator 01 - Autoconfiança e realização acadêmica profissional, com 27 itens; Fator 02 - Apoio social com 2 itens; e o Fator 3 - Limitações autopercebidas no rendimento, com 11 itens. Realizou-se ainda a apresentação de escores padronizados em três níveis: médios, abaixo da média e acima da média. E para cada um destes níveis, desenvolveu-se uma representação descritiva textual para o direcionamento do respondente e posterior autoavaliação deste.

INSTRUMENTO VIA APLICAÇÃO *WEB* PARA AVALIAÇÃO DO CONSTRUTO DE BEM-ESTAR ACADÊMICO PARA UNIVERSITÁRIOS

Nos manuais de Psicometria, costuma-se definir a validade de um teste dizendo que ele é válido se de fato mede o que supostamente deve medir. Embora esta definição pareça uma tautologia, na verdade ela não é considerada a teoria psicométrica que admite o traço latente. O que se quer dizer com esta definição é que, ao se medirem os comportamentos

(itens), que são a representação física do traço latente, está-se medindo o próprio traço latente. Tal suposição é justificada se a representação comportamental for legítima. Esta legitimação somente é possível se existir uma teoria prévia do traço que fundamente que a tal representação comportamental constitui uma hipótese dedutível desta teoria. A validade do teste (este constituindo a hipótese), então, será estabelecida pela testagem empírica da verificação da hipótese. Pelo menos, esta é a metodologia científica (Pasquali, 2009).

A proposta de elaboração de uma aplicação web para avaliação do bem-estar acadêmico segue-se *a posteriori* a análise dos resultados do grupo de 702 participantes, sendo que os dados da elaboração da escala virtual estarão embasados na análise anteriormente realizada.

O uso da tecnologia para acesso à informação, comunicação e pesquisa acentua a facilidade de acesso e de uso por parte dos estudantes, um dos motivos de optar por transformar o instrumento via aplicação *web*. Após o processo de construção e validação do instrumento, contatou-se um profissional de Tecnologia da Informação, para transformar a escala em uma aplicação *web*, que se refere a um sistema de uso, por meio de um site na internet, que se caracteriza um aplicativo. De forma ágil e sem a necessidade de o usuário instalar, ou mesmo baixar um programa, facilitar o acesso dos universitários ao instrumento, possibilitando monitoramento das respostas pela pesquisadora.

Foram analisados na literatura estudos tocantes a esse parâmetro e, assim, foi identificado no estudo de Dias-Viana e Noronha (2021) que no processo de validação os resultados indicaram, por meio de análises fatoriais exploratórias, uma estrutura com três fatores, com índices de ajuste considerados adequados juntamente com coeficiente alfa de Cronbach aceitável. Concluíram os autores que a EBESE apresentou adequados índices de consistência interna e uma estrutura fatorial de acordo com a teoria subjacente. Em outro estudo, o de Rebolo e Constantino (2020), foram apresentadas análises com variáveis com relação positiva e também com a variável da autopercepção de felicidade do professor com o trabalho, para medir o bem-estar docente.

No processo de busca por evidências dessa escala do respectivo estudo, foi observado nas análises as condições garantidas, de validade Construto, juntamente com a confiabilidade das três subescalas e da escala total. Obteve-se ainda, dados para fins de verificação e comparação resultados intragrupo, além da sequência de posteriores análises. Foi executada ainda a apresentação de escores padronizados em três níveis para melhor entendimento do respondente dos resultados.

CONCLUSÃO

Antes mesmo do período pandêmico ao qual vivenciado na COVID 19, a preocupação com o bem-estar representava uma perspectiva prioritária, uma vez que o processo de formação acadêmico, bem como suas exigências e dificuldades provocam impactos distintos para os universitários em um ambiente de desenvolvimento psicossocial.

O presente estudo de desenvolvimento tecnológico na psicologia elaborou, construiu e validou uma escala via aplicação *web*, com o objetivo de magnificar o bem-estar acadêmico universitário. A possibilidade de autopercepção desse construto identificado pelo estudante pode aumentar as estratégias de prevenção e cuidado de psicopatologias nessa fase, como por exemplo, buscar ajuda profissional de um profissional da psicologia, para devidos atendimentos e/ou encaminhamentos.

Elegeu-se o aporte teórico do bem-estar subjetivo, dentre os diversos que a Psicologia Positiva estuda, para constituir e desenvolver a base teórica da pesquisa relatada, pois se entende que tal conceito estava mais próximo aos objetivos propostos. Assim, incluíram-se ainda os impactos na autopercepção dos participantes do estudo, de fatores como perfil dos universitários, reflexos da pandemia, rendimento acadêmico, satisfação do universitário e demais componentes que juntos auxiliaram na visão dos respondentes sobre bem-estar acadêmico e não apenas um fator determinante, mas a importância de levar em consideração a contribuição desse processo de autoavaliação do bem-estar no meio acadêmico.

Os objetivos do estudo foram contemplados, ao que refere a contextualização teórico do termo bem-estar acadêmico e do aporte conceitual do bem-estar subjetivo, sendo esse categorizado em satisfação da vida, afeto positivo e afeto negativo, contemplado na revisão sistemática e, assim, a definição de bem-estar acadêmico que consiste na autopercepção sobre bem-estar do universitário, a partir de demandas deste cenário acadêmico.

Nos objetivos de construção e validação da Escala do Bem-Estar Acadêmico, foram cumpridas todas as etapas de desenvolvimento, em que o instrumento em sua versão final obteve indicativos de validade e confiabilidade nos 40 itens, apresentados em três fatores: Fator 01 – Autoconfiança e realização acadêmica profissional, com 28 itens, Fator 02 – Apoio social com 2 itens e o Fator 3 – Limitações autopercebidas no rendimento, com 11 itens. Posteriormente foi realizada a aplicação *web* para adaptação do instrumento, para melhor acesso dos universitários, com análises descritas para melhor compreensão dos respondentes sobre o indicativo de seus resultados.

Quanto a percepção dos universitários sobre o impacto da pandemia no rendimento acadêmico a maioria dos respondentes referiu alterações de comprometimentos de

seu desempenho e satisfação. Ainda nesse contexto, um dos objetivos buscou também alterações na autopercepção do bem-estar dos universitários frente as manifestações da pandemia SARS COVID 19, ao qual foram identificadas alterações autorreferidas de rendimento, o que caracterizou, por sua vez diferenças significativas nos Fatores Apoio social e Limitações autopercebidas em seu rendimento. Porém, é ressaltado que os participantes informaram não precisar trancar disciplinas ou o curso neste período.

Em relação a hipótese, foi constatado que há a possibilidade da avaliação dessa percepção sobre a visão de bem-estar acadêmico. Assim, a escala proporcionou a possibilidade desse conhecimento de sua autoavaliação e de seus implicadores desse construto para o universitário, o que pode gerar ferramentas para minimização das emoções e sentimentos negativos, que resultam em sofrimento, advindo dessa fase de formação acadêmica.

No que tange as limitações do estudo, em específico da construção do instrumento, ressalta-se alguns pontos: o desafio que foi construir um conceito novo, mesmo utilizando bases teóricas sólidas do bem-estar subjetivo, mas que as pesquisas mediante as revisões sistemáticas possibilitaram a consolidação do termo bem-estar acadêmico. Destaca-se ainda o número amostral de participantes que abrangem todas as regiões geopolíticas e as dificuldades para adesão, explicadas na parte metodologia do estudo, bem como, a realidade da do momento histórico da coleta de dados, em que vivenciamos uma Pandemia, que impactou na percepção dos participantes do estudo sobre satisfação e o rendimento neste período. A proposta do estudo representa uma medida transversal, ou seja, um recorte do fenômeno em estudo a proposição e construção e validação de um instrumento, somada ao desenvolvimento de um termo em uma área de estudo recente.

Evidencia-se que as limitações transformam as possibilidades de construção das vulnerabilidades do estudo, fato este, que demandará novas investigações longitudinais, possibilitando a coleta de mais dados sobre a temática e aperfeiçoando a qualidade do instrumento.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, A. S. & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2),153-164. https://www.scielo.br/j/ptp/a/85JVntJ3f8WJMYnPVgZDMVz/?lang=pt

Albuquerque, F. J. B., de Sousa, F. M., & Martins, C. R. (2010). Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. *Psico*, 41(1), 85-92. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/5110.

ANDIFES. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. *V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018*. (2019). https://www.andifes.org.br/?p=79639

Andrade, A. S., Tiraboschi, G.A., Antunes, N.A., Viana, P.V.B.A., Zanoto, P.A. & Curilla, R.T. (2016). Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 831 846. https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkfTtDv3sRKHGT7J3zPMZC/?lang=pt

Andrews, F.M. & Withey, S.B. Developing measures of perceived life quality: results from several national surveys [Desenvolvimento de medidas de qualidade de vida percebida: resultados de várias pesquisas nacionais]. *Social Indicators Research*, 1(1), 1-26, 1974.

Ariño, D.O, & Bardagi, M.P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa*, 12(3), 44-52. https://dx.doi.org/10.24879/2018001200300544

Arruda EP. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede. 2020; 7 (1): 257-75

Brasil. Ministério da Educação (2016). *Altos índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro*. Brasília, DF. Gov.br. http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/40111-altos-indices-de-evasao-na-graduacao-revelam-fragilidade-do-ensino-medio-avalia-ministro.

Brasil. Ministério da Saúde. (2014). *E-SUS Atenção Básica: manual do sistema com coleta de dados simplificada – CDS*. 1-124. Brasília, DF. http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/manual_CDS_ESUS_1_3_0.pdf

Brooks, S.K, *Web*ster, R.K, Smith, L.E, Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N. & Rubin, G.J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. [O impacto psicológico da quarentena e como reduzi-lo: revisão rápida das evidências]. *The Lancet*. 395, 912-920. https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext#

Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. New York: The Guilford Press.

Cachioni, M., Delfino, L.L., Yassuda, M.S., Batistoni, S.S.T., Melo, R.C. de. & Domingues, M.A.R.C. (2017). Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma universidade aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(3), 340–352. https://www.scielo.br/j/rbgg/a/dw4k4zv6YWRrhQ8mCX6tmCn/?format=pdf&lang=pt

Cardoso, A. C. C. et al. Prevalence of common mental disorders among medical students during the Covid-19 pandemic. Revista Brasileira de Educação Médica [online]. 2022, v. 46, n. 01. https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20210242.ING https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20210242

Coluci, M.Z.O., Alexandre, N.M.C. & Milani, D. (2015). Construção de instrumentos de medida na área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(3), 925-936. https://www.scielo.br/j/csc/a/qTHcjt459YLYPM7Pt7Q7cSn/?lang=pt

Costa, A.B.O., Espírito Santo, H., & Macedo, E. (2013). *Bem-estar Subjetivo: validação das escalas PANAS e SWLS a uma amostra de idosos portugueses institucionalizados*. [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal]. Repositório Instituto Superior Miguel Torga. http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/318

Costa, L.S.M. da & Pereira, C.A.A. (2007). Bem-estar Subjetivo: aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1), 72-80. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000100008&lng=pt&tlng=pt

Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. Avaliação Psicológica, 11(2),213-228. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf

Dametto, D.M., & Noronha, A.P.P. (2019). Construction and Validation of the Character Strengths Scale for Youth (CSS-Youth). [Construção e Validação da Escala de Forças de Caráter para Adolescentes (EFC-A)]. *Paidéia*, 29. https://www.scielo.br/j/paideia/a/YtVG7TKqgdmNnBc9PHTcC9M/?lang=en

Deslandes, S.F. & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2479-2486. https://www.scielo.br/j/csc/a/56TbmHfDsWJyK6DVJzjcHhp/?lang=pt

Dessen, M.C. & Paz, M.G.T. (2010). Bem-estar pessoal nas organizações: o impacto de configurações de poder e características de personalidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 26(3), 549–55. https://psycnet.apa.org/record/2011-10483-016

Dias-Viana, J.L. & Noronha, A.P.P. (2021). Escala de Bem-Estar Subjetivo Escolar (EBESE): elaboração e validação de uma medida para avaliação educacional. *Ciências Psicológicas,* 15(1), 1-19. https://revistas.ucu.edu.uy/index.php/cienciaspsicologicas/article/view/2349

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin, 95*, 542-575.

Diener, E. Suh, E.; Oishi, S. Recent findings on Subjective Well-Being. **Indian Journal of Clinical Psychology**, n. 2, p. 25-41, 1998.

Diener, E. & Lucas, R. F. (2000). Subjective emotional well being. Em M. Lewis & J. M. Haviland (Orgs.), *Handbook of Emotions* (pp. 325-337). New York: Guilford.

Diener, E. (2001). *Subjective well-being* Em N. J. Smelser & P. B. Baltes (Orgs.), *International encyclopedia of the social & behavioral sciences* Oxford: Elsevier.

Diener, E., Oishi, S. & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology, 54*, 403-425.

Diener, E., Heintzelman, S.J., Kushlev, K., Tay, L., Wirtz, D., Lutes, L.D. & Oishi, S. (2016). Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. [Descobertas que todos os psicólogos deveriam saber da nova ciência sobre o bem-estar subjetivo]. *Canadian Psychology*, 58(2), 87-104. https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fcap0000063

Dosea, G. S., Santos do Rosário, R. W., Andrade Silva, E., Reis Firmino, L., & dos Santos Oliveira,

A. M. (2020). Métodos ativos de aprendizagem no ensino online: a opinião de universitários durante a pandemia de COVID-19. *EDUCAÇÃO*, *10*(1), 137–148. https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p137-148.

Faiad, C., Pasquali, L., & Primi, R. (2016). Construção e evidência de validade do Teste de Reação à Frustração Objetivo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32(spe), 1-9. https://www.scielo.br/j/ptp/a/MNXFcN3vPwH3Y6Q8C8BZPJk/?lang=pt

Feodrippe, I.A.L.O, Brandão M.C.F. & Valente, I.T.C.O. (2013). Qualidade de vida de estudantes de medicina: uma revisão. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(3), 418-428. https://www.scielo.br/j/rbem/a/BjdN6ZdthZPH4QxMhRpWq3L/?format=pdf&lang=pt

Ferreira, M.C., Milfont, T.L., Silva, A.P.C. e, Fernandes, H.A., Almeida, S.P. & Mendonça, H. (2015). Escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral: construção e evidências de validade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 340-349. https://www.scielo.br/j/prc/a/Yg6GQysjkJrPB6jxVbmD6xj/?lang=pt

Ferreira, P. C. & Lamas, K. C. A. Aplicações da Psicologia Positiva no Desenvolvimento Infantil: Uma Revisão de Literatura. *Psico-USF [online*]. 2020, v. 25, n. 3, pp. 493-505. https://doi.org/10.1590/1413-82712020250308

Gable, S., & Haidt, J. (2005). Positive psychology. Review of General Psychology, 9, 1089-2680.

Giacomoni, C.H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, *12*(1), 43-50. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100005&lng=pt&tlng=pt.

Giacomoni, C.H. & Hutz, C.S. (2006). Escala de afeto positivo e negativo para crianças: estudos de construção e validação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 10(2), 235-245. https://www.scielo.br/j/pee/a/hRH8kxJxkX8H8PpXjrC4Y7x/?lang=pt.

Giacomoni, C.H. & Hutz, C.S. (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 25-35. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/rZHyjQvYbfpjrLjFFvj3SQp/?lang=pt

Gouveia, V.V., Fonsêca, P.N. da, Lins, S.L.B., Lima, A.V. de & Gouveia, R.S.V. (2008). Escala de bem-estar afetivo no trabalho (Jaws): evidências de validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 464-473. https://www.scielo.br/j/prc/a/whc99b6T4b5VjXhvXpVqywQ/?lang=pt

Gusso, Hélder Lima et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação & Sociedade [online].* 2020, v. 41. <https://doi.org/10.1590/ES.238957>.

Hernandez, J. (2003). Psicologia positiva e psicologia Humanista: Aproximações teóricas e conceituais. Revista de Psicologia da UnC, 1(1), 24-30.

Howat-Rodrigues, A. B. C., & Tokumaru, R. S. (2014). Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI): Evidências de Validade . *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *24*(57), 11-20. https://doi.org/10.1590/1982-43272457201403

Hutz, C.; Koller, S. H.; Bandeira, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 12, p. 79-86, 1996.

INEP. Censo da Educação Superior - 2017. Disponível em: Acesso em: 05 jan. 2022.

ITU. International Telecommunication Union. (2008). *Implementing e-Health in Developing Countries. Guidance and Principles*. [Implementando e-Saúde em países em desenvolvimento. Orientação e Princípios], 1-53. https://www.itu.int/ITU-D/cyb/app/docs/e-Health_prefinal_15092008.PDF

Lupano Perugini, María Laura, & Castro Solano, Alejandro. (2010). PSICOLOGÍA POSITIVA: ANÁLISIS DESDE SU SURGIMIENTO. *Ciencias Psicológicas*, *4*(1), 43-56. Recuperado en 31 de marzo de 2022, de http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212010000100005&lng=es&tlng=es.

Magalhães, M.O. (2013). Escalas de Estilos Interpessoais (ESEI): construção, validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 627-635. https://www.scielo.br/j/prc/a/ptLj3rVqcVtz956nZFhQhvk/?lang=pt

Magno, L. et al. Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2020, v. 25, n. 9 [Acessado 28 Fevereiro 2022], pp. 3355-3364. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.17812020>. Epub 28 Ago 2020. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.17812020.

Maia, B.R. & Dias, P.C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, 37. 1-8. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/?lang=pt

Maia, M.F.M., Raposo, J.J.B.V., Formiga, N.S., Tolentino, T.M. & Melo, G.F. de. (2016). Verificação empírica da consistência fatorial do inventário de bem-estar subjetivo munsh em jovens brasileiros. *Psicologia em Pesquisa*, 10(2), 76-84. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v10n2/10.pdf

Martins, A. B. T., Falcão, C. de S. V., Pereira, Álvaro M. C., Carvalho, J. Q., Diogo, J. de L., Eloy, Y. R. G., & Abdon, A. P. V. (2020). Sentimento de angústia e isolamento social de universitários da área da saúde durante a pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde*, *33*. https://doi.org/10.5020/18061230.2020.11444

Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist, 56*(3), 227-238.

Melo, J.R.F. de, Maciel, S.C., Oliveira, M.X. de, Camino, L.F. & Carvalho, T.A. (2019). Benevolence Toward Schizophrenia Scale: Construction and evidence of validation.[Escala de benevolência frente à esquizofrenia: construção e evidências de validação]. *Estudos de Psicologia*, 36, 1-12. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VJBJMwtssYVn79c6cXp69qf/?lang=en

Mendez, C.B., Salum, N.C., Junkes, C, Amante, L.N. & Mendez, C.M,L. (2019). Aplicativo móvel educativo e de follow up para pacientes com doença arterial periférica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 27, 1-11. https://www.scielo.br/j/rlae/a/DKgxTqYXXRJDHfmqF5yGC9j/?format=pdf&lang=pt

Mognon, J.F., & Santos, A.A.A. dos. (2016). Escala de Autoeficácia para dirigir: construção e avaliação preliminar das propriedades psicométricas. *Estudos de Psicologia*, 33(1), 127-136. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/hRX9kBJgk3x68SvQHppCMYQ/?lang=pt

Morales, V., & Lopez, Y. A. (2020). Impactos da Pandemia na Vida Académica dos Estudantes Universitários. *Revista Angolana De Extensão Universitária*, *2*(2), 53 - 67. https://portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/205.

Monteiro, S.O.M., Tavares, J.P.C. & Pereira, A.M.S. (2008). Optimismo disposicional, sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento académico em estudantes do primeiro ano do ensino superior. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 23-29. https://www.scielo.br/j/epsic/a/N77KRHZ4YFtsCWCdn9WxqVp/?lang=pt

Mota, D.C.B. et al. (2021). Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(6), 2159-2170. https://www.scielo.br/j/csc/a/kZGncmhsthtskP463HNQ95s/?lang=pt

Niemiec, R.M. (2010). Character strengths and positive psychology: on the horizon in family therapy. *The Family Psychologist*, 26(1), 16-18. doi: 10.5935/1415-2762.20140035.

Nunes, R. C. (2021). Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 10, n. 3. https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13022.

Oliveira, C.N., Nunes, M.F.O., Legal, E.J. & Noronha, A.P.N. (2016). Bem-Estar Subjetivo: estudo de correlação com as Forças de Caráter. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 177-185. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000200007&lng=pt&tlng=pt.

Pais Ribeiro, J. & Cummins, R. (2008), O bem-estar pessoal: estudo de validação da versão portuguesa da escala. In: I. Leal, J. Pais-Ribeiro, I. Silva & S. Marques (Edts.). *Actas do Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*, Lisboa, Portugal, 7, 505-508.

Pais-Ribeiro, J.L. (2012). Validação transcultural da Escala de Felicidade Subjectiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(2), 157-168. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862012000200003&lng=pt&tlng=es

Paludo, S. S. & Koller, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2007, v. 17, n. 36, pp. 9-20. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100002>.

Park, N., Peterson, C., & Seligman, M.E.P. (2006). Character strengths in fifty-four nations and the fifty US states. *The Journal of Positive Psychology*, 1(3), 118-129. Recuperado de: https://ppc.sas.upenn.edu/sites/default/files/cs54nations.pdf

Paschoal, T. & Tamayo, A. Construção e validação da Escala de bem-estar no trabalho. (2008). *Avaliação Psicológica*, 7(1), 11-22. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000100004&lng=pt

Pasquali, L. (1999). Análise fatorial: um manual teórico-prático. Brasília: Editora UnB.

Pasquali, L. Psicometria. Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]. 2009, v. 43, n. spe, pp. 992-999. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>

Pires, J. G., Nunes, M.F.O, & Nunes, C.H.S.S. (2015). Instrumentos baseados em psicologia positiva no Brasil: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, 20(2), 287-295. https://www.scielo.br/j/pusf/a/bgqLtDj4XnVfN6kQvyRtrKj/?lang=pt

Poseck, Beatriz Vera Psicología positiva: una nueva forma de entender la psicología Papeles del Psicólogo, vol. 27, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 3-8 Consejo General de Colegios Oficiales de Psicólogos Madrid, España.

Rebolo, F, & Constantino, M. (2020). Escala de bem-estar docente (ebed): desenvolvimento e validação. *Cadernos de Pesquisa*, 50(176), 444-460. https://www.scielo.br/j/cp/a/CDzHNy4PjD3Kp94BnKpHVds/?lang=pt

Reichenheim ME, Moraes CL. Operationalizing the cross-cultural adaptation of epidemological measurement instruments. Rev Saude Publica. 2007; 41(4): 665–673, https://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102006005000035

Reppold, C.T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, *13*(2), 307-310. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200018&lng=pt&tlng=.

Rodrigues, A.C.A., Bastos, A.V.B. (2012). Entrincheiramento organizacional: construção e validação da escala. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 688-700. https://www.scielo.br/j/prc/a/HYDQvbZRVrwdRw5mcwjD5Jc/?format=pdf&lang=pt

Rodrigues, B.B., Cardoso, R.R.J., Peres, C.H.R. & Marques, F.F. (2020). Aprendendo com o imprevisível: saúde mental dos universitários e educação médica na pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 44(1), 1-5. https://www.scielo.br/j/rbem/a/kN9b4V5MJQtvygzTNBWsSZS/?format=pdf&lang=pt

Ryff, C.D. Keyes, C. L. The structure of Psychological Well-Being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727, 1995.

Ryff, C. D., & Singer, B. (2003). Flourishing under fire: Resilience as a prototype of challenged thriving. In C. L. M. Keyes, & J. Haidt (Eds.), *Flourishing: Positive psychology and the life well-lived* (pp. 15-36). Washington, DC: American Psychological Association.

Sampieri, R., Collado, C. y Baptista-Lucio, P. (2014). Desarrollo de la perspectiva teórica: revisión de la literatura y construcción del marco teórico. En Metodología de la Investigación (6ª ed., pp. 58-87). México: McGraw-Hill.

Shankland, R. & Rosset, E. (2017). Review of brief school-based positive psychological interventions: A taster for teachers and educators. Educational Psychology Review, 29(2), 363-392. doi: 10.1007/s10648-016-9357-3.

Santos, M.C. dos, & Wechsler, S.M. (2020). Escala de Otimismo para Adultos: Construção e Validação. *Psico-USF*, 25(1), 89-100. https://www.scielo.br/j/pusf/a/4YRNL8QppVYMsvV5LTLdSdQ/?lang=pt

Scorsolini-Comin, F. (2012). Por uma nova compreensão do conceito de bem-estar: Martin Seligman e a psicologia positiva.

Scorsolini-Comin, F., & Santos, M.A. (2010). Psicologia positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 440-448. https://www.scielo.br/j/prc/a/QLdLwrhpwV9WJXrcPCTPV9v/?lang=pt

Segabinazi, J.D., Giacomoni, C.H., Dias, A.C.G., Teixeira, M.A.P. & Moraes, D.A.O. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar de uma escala multidimensional de satisfação de vida para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 653-659. https://www.scielo.br/j/ptp/a/ycMBLXgLnwbSdRY9zR8FLhR/?lang=pt

Seligman M.E.P. (2019). Florescer: uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar. Tradução:

Cristina Paixão Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer: uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Seligman, M.E.P. (2009). *Felicidade autêntica: usando a Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.

Seligman, M.E.P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5

SEMESP (2021). *Mapa do ensino superior no Brasil*. 11 ed. Instituto SEMESP. https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/

Silva, A. G., Cerqueira, A. T. A. R. & Lima, M. C. P. (2014). Apoio Social e transtorno mental comum entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Epidemiologia,* 17(1), 229-242. https://www.scielo.br/j/rbepid/a/QDdGMhJY8QksznfpKVPbDSw/?lang=pt

Silva, R.S. & Costa, L.A. (2012). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários da área da saúde. *Encontro Revista de Psicologia*, 15(23), 105-112. https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/view/2473

Silveira, P.M. da, Borgatto, A.F., Silva, K.S. da, Oliveira, E.S.A de, Barros, M.V.G. de & Nahas, M.V. (2015). Criação de uma escala de satisfação com a vida por meio da Teoria da Resposta ao Item. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 64(4), 272-278. https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/DbYgd5mXMSqDc7nBfynHPcd/?lang=pt

Siqueira, M.M.M., & Padovam, V.A.R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201–209. https://doi.org/10.1590/s0102-37722008000200010

Sijtsma, K. (2009). On the use, the misuse, and the very limited usefulness of Cronbach's alpha. Psychometrika, 74(1), 107-120.

Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2002). *Handbook of positive psychology* New York: Oxford University Press.

Sobral, J.M., & Lima, M.L. (2018). A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico. *Ler História*, 73, 45-66. http://dx.doi.org/lerhistoria.4036

Teodoro, M.L.M. (2021). Saúde mental em estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*. v.9, n. 2. https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/5409.

Tibes, C.M.S., Dias J.D. & Zem-Mascarenhas S.H. (2014). Aplicativos móveis desenvolvidos para a área da saúde no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(2), 471-478. https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n2a16.pdf

UNESCO [United nations educational, scientific and cultural organisation] covid-19 Educational disruption and response. Paris: Unesco, 30 July 2020. http://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-and-response-13363

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para Infância. (Outubro de 2021). *ONU alerta para efeito da pandemia na saúde mental de jovens*. https://www.dw.com/pt-br/onu-alerta-para-impacto-da-pandemia-na-sa%C3%BAde-mental-de-jovens/a-59412925

Valdebenito, M.A.B. (2017). Autoeficacia y vivencias académicas em estudiantes universitários. [Autoeficácia e vivências acadêmicas em estudantes universitários]. *Acta Colombiana de Psicología*, 20(1), 266-274. http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v20n1/es_0123-9155-acp-20-01-00275.pdf

Watson, D., Clark, E. & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology,* 54, 1063-1070.

Who. World Health Organization. (2020). *Coronavirus disease 2020 (Covid-19) Situation Report* [Doença de coronavirus 2020 (Covid-19) Relatório de situação]. 67, 1-12, Genebra, Suiça. https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200327-sitrep-67-covid-19.pdf

Who. World HealthOrganization. (2011). *Recommendations for prevention and treatment of pre-eclampsia and eclampsia*. 1-48, Genebra, Suiça. http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44703/9789241548335_eng.pdf;jses%20sionid=3C8EE2B245001CFD4DDF989616EB5392?sequence=1

Yilmaz, H. & Arslan, C. (2013). Subjetive wellbeing, positive and negative affect in Turkish university students. *The Online Journal of Counseling and Education*, 2(2), 1-8.

Zanon, C., Bastianello, M.R., Pacico, J.C., & Hutz, C.S. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201. https://www.scielo.br/j/pusf/a/vh7QqFWQLYx5dBptgfQHBJS/?lang=pt

Zanon, C., Zanon, L.L.D., Wechsler, S.M., Fabretti, R.R. & Rocha, K.N. (2020). COVID-19: implicações e aplicações da psicologia positiva em tempos de pandemia. Estudos de Psicologia, 37, 1-13. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100506&lng=en&nrm=iso

APÊNDICE

ESCALA BEM-ESTAR ACADÊMICO

N	Itens
1	A curso/área que escolhi me deixa seguro em relação ao meu futuro
2	A minha dedicação em aprender me fará um profissional competente
3	A profissão/área me dará oportunidades de ser competente
4	A profissão/área me faz bem enquanto pessoa
5	A profissão/área que escolhi auxiliará também minha família
6	A profissão/área que escolhi auxiliará também outras pessoas
7	A profissão/área que escolhi me dará um lugar de destaque na sociedade
8	A profissão/área que escolhi me deixará realizado como profissional
9	A profissão/área que escolhi me faz sentir que terei um lugar na sociedade
10	A profissão/área que escolhi mudará meu futuro com uma melhor qualidade de vida
11	Consigo superar as adversidades durante o curso
12	Escolhi o curso por fazer o que gosto
13	Estar no curso me dá esperanças de uma vida melhor
14	Estou exausto com as atividades da Universidade
15	Estou realizado com a profissão/área que escolhi
16	Fico angustiado com as exigências do curso
17	Fico com raiva em atividades acadêmicas
18	Fico nervoso com atividades práticas do meu curso/área
19	Gosto da autonomia que o curso/área que escolhi me possibilita
20	Gosto das pessoas próximas a mim no meio acadêmico
21	Gosto de quem sou na Universidade
22	Gosto de ser organizado nas tarefas da Universidade
23	Me identifico com o curso/área que escolhi
24	Me interesso cada vez mais pelos conhecimentos da área que escolhi
25	Me sinto bem com meus amigos da Universidade
26	Me sinto bem na Universidade
27	Me sinto determinado com a profissão que irei exercer depois da Universidade
28	Me sinto próximo aos meus professores
29	Meus professores me inspiram a ser profissional
30	Não consigo dar conta das dificuldades do curso/área

31	O aprendizado técnico do curso/área me fará ser um profissional mais qualificado
32	O curso me faz querer aprender cada vez mais
33	O curso que escolhi é importante também para a sociedade
34	O excesso de atividades no curso/área me faz mal
35	Sinto me culpado por não dar o meu melhor nas atividades universitárias
36	Sinto-me bem em ser organizado nas tarefas acadêmicas
37	Sinto-me cansado das dificuldades da vida universitária
38	Sinto-me irritado quando não consigo completar as tarefas do curso
39	Tenho medo do futuro após terminar meus estudos
40	Tenho preocupação quanto ao profissional que vou ser após minha formação acadêmica

SOBRE OS AUTORES

JOÃO CARLOS ALCHIERI - Psicólogo, mestrado (PUC RS 1992) Doutor (UFRGS 2004), bolsista produtividade (CNPq 2006 a 2018), pós-doutorado (UnB 2010; UFPB 2014; IBNEURO 2015, UNMDP 2022). Professor Titular do Departamento de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia e Inovação (UFRN).

THAYANNE BRANCHES PEREIRA - Psicóloga. Doutorado em Psicologia (UCES - Buenos Aires). Mestrado em Saúde Coletiva ULBRA. Especialização em Psicologia do Trânsito (Instituto Sapiens). Especialização em Saúde Mental (IESPES). Especialização em Metodologia do Ensino Superior (ULBRA). Especialização em Avaliação Psicológica - DALMASS.